UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS

DIEGO FÉLIX MIGUEL

Processo artístico e terceira idade:

oficinas de teatro como estratégia de emancipação da velhice

São Paulo

2015

DIEGO FÉLIX MIGUEL

Processo artístico e terceira idade:

oficinas de teatro como estratégia de emancipação da velhice

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 19 de outubro de 2015. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de concentração:
Estudos Culturais

Orientadora: Profa. Dra.
Ângela M. M. de Lima Hutchison

São Paulo 2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO
(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Miguel, Diego Félix
Processo artístico e terceira idade : oficinas de teatro como estratégia de emancipação da velhice / Diego Félix Miguel ; orientadora, Ângela M. M. de Lima Hutchison. – São Paulo, 2015
115 f.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo
Versão corrigida

1. Idosos - Aspectos sociais. 2. Teatro. 3. Velhice. 4. Qualidade de vida. I. Hutchison, Ângela Maria Machado de Lima, orient. II. Título

CDD 22.ed. – 362.6

Nome: MIGUEL, Diego Félix

Título: Processo artístico e terceira idade: oficinas de teatro como estratégia de emancipação da velhice

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia do Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais.

Área de Concentração:
Estudos Culturais

Aprovado em: 19/ 10/ 2015

Banca
Examinadora

Profa. Dra. Ângela M. M. de Lima Hutchison
Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades

Prof. Dr. Luiz Menna Barreto
Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades

Profa. Dra. Andrea Aparecida Cavinato
Universidade de São Paulo. Escola de Comunicação e Artes

Dedico a todos idosos que fizeram e fazem parte da minha trajetória profissional.

Agradecimentos

Agradeço aos que participaram direta ou indiretamente do meu processo de formação ao longo desses anos, especialmente ao meu companheiro, familiares, amigos, colegas de profissão e idosos, que dividiram comigo cada momento dessa trajetória, incentivando-me a continuar diante das intempéries cotidianas.

Agradeço também a todos meus professores, em especial à minha orientadora, que me apresentou novas oportunidades de reflexão, permitindo-me aprofundar minhas percepções acerca da velhice.

"Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente aos vinte e cinco anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser."

(FREIRE, 2010)

APRESENTAÇÃO

Sempre admirei pessoas mais velhas. Na minha infância, essa característica já se fazia presente nos encontros familiares e sociais. Na primeira oportunidade que tinha abandonava as crianças, que por uma regra social era o grupo que eu devia integrar nesses eventos, para ficar com os adultos, principalmente se entre eles houvesse algum idoso. Saber que aquela pessoa tinha vivido muito mais que eu e que trazia consigo experiências de um mundo que eu ainda não conhecia me fascinava muito mais que os contos de fadas. Sentia a essência dessas memórias muito mais próximas de minha realidade e muitas vezes, inconscientemente, contextualizava muito das crenças e costumes que havia em meu seio familiar.

No período de transição da infância para a juventude, essa experiência tornou-se muito mais significante quando meu pai, nos primeiros anos de sua velhice, foi diagnosticado com câncer e teve que se abdicar dos trabalhos formais para iniciar um longo período de tratamento. Nesta época, eu era seu principal parceiro após minha jornada diária de estudos. Foi no transcorrer desses quatro anos de luta contra o câncer que pude conhecer muito mais sobre sua história, sua relação com a família de descendência libanesa, as dificuldades sociais enfrentadas em sua infância, pelo choque cultural enfrentado com a realidade brasileira, e suas experiências com o trabalho. Muitas memórias e histórias compartilhadas comigo tornavam-me parte indireta dessas experiências. Com seu falecimento, esse encantamento pelos mais velhos continuou. Minha mãe sempre me levava para visitar os “asilos” (instituições de longa permanência para idosos) com o intuito de passar alguns momentos com idosos institucionalizados que não recebiam visitas de seus familiares. Eram tardes de domingo muito agradáveis. Ouvia histórias, relatos e expectativas, que muitas vezes eram claras que não iriam se tornar realidade, principalmente quando se tratava de retorno à família.

A realidade dessa institucionalização me instigou na adolescência, quando me deparei com idosos que participavam de oficinas de arte oferecidas por esses “asilos” com o mero objetivo de distração. Ficava constrangido em ver idosos pintando desenhos mimeografados e/ou, então, fazendo atividades que pouco valorizavam suas experiências e, por muitas vezes, subestimavam suas capacidades. Neste momento me

deparei com um mito da velhice: idoso volta a ser criança? Mesmo sendo um adolescente, eu me negava a acreditar nessa possibilidade.

Iniciei meus estudos em Teatro aos dezoito anos e, na mesma época, surgiu uma oportunidade de ministrar aulas de teatro para idosos. Desde então, minha trajetória profissional e acadêmica tem acontecido na área do envelhecimento, na coordenação de cursos e gestão de serviços de Centro de Convivência para idosos. Trabalhei em diferentes territórios e com idosos de inúmeras realidades em projetos específicos nas áreas de Cultura, Assistência Social e Saúde. Percebi que as diferentes facetas da velhice são os principais desafios motivadores que nos ensinam, cotidianamente, a lidar com a heterogeneidade do envelhecimento, promovendo não somente o que idealizamos, mas o que, de fato, procuramos ouvir e dialogar com os idosos a respeito do que precisam.

Nesta área de atuação, percebo que o grande desafio é identificar e desconstruir estereótipos de velhice tanto para o conjunto da sociedade, como para o profissional que atua com os idosos, assim como para os próprios idosos. Acredito que as expressões artísticas promovidas pelos Centros de Convivência são oportunidades fundamentais para ressignificação desta etapa da vida, capaz de estimular novos projetos de vida.

A motivação em desenvolver esta pesquisa se remete a experiência profissional que relatei acima. Objetivo com este estudo promover uma reflexão sobre a contribuição das oficinas de teatro para idosos e para a velhice enquanto construção sociocultural, possibilitando outra percepção à respeito de como as práticas teatrais promovidas em oficinas e cursos podem favorecer a articulação do idoso na vida social, assim como verificar sua relação com diferentes faixas etárias, na desmitificação e na emancipação de idosos e, desse modo, contribuir com o enriquecimento dos conceitos culturais de velhice.

Utilizei o teatrólogo Augusto Boal como referencial bibliográfico para contextualizar a prática teatral na possibilidade de emancipação, considerando que o processo criativo proposto em sua metodologia corrobora com as discussões implementadas nos Estudos Culturais, que, por sua vez, obrigam à reflexão sobre as relações de poder e opressões produzidas por uma cultura hegemônica elitizada sobre as “minorias” e as “classes marginalizadas”. E também utilizo como base Jerzy Grotowski,

autor que fundamenta a relevância do corpo no processo artístico, na busca do autoconhecimento e nas novas possibilidades de atuação.

Na primeira etapa da pesquisa, realizei uma revisão bibliográfica com publicações que abordam a temática oficina de teatro para idosos. Em seguida, analisei as metodologias desenvolvidas nas oficinas apresentadas nas publicações, considerando a relevância desse processo criativo para favorecer a reflexão e a partir daí conhecer suas potencialidades em contribuir com oportunidades de emancipação do idoso.

Na segunda fase deste estudo, realizei uma pesquisa de abordagem qualitativa para analisar o depoimento dos idosos integrantes de um grupo de teatro, a fim de verificar as relações entre a desmitificação da velhice através de seu protagonismo e as novas possibilidades de atuação no cotidiano, considerando as experiências dos idosos com essa prática artística.

Em síntese, nesta pesquisa me debruço sobre as contribuições do processo artístico em oficinas de teatro para idosos. Nesse sentido, tomo a liberdade de utilizar a palavra *ato* para nomear os capítulos. O *ato* é a divisão da peça teatral formada por várias cenas, seu conjunto forma o espetáculo. No cotidiano, a palavra *ato* nos remete também ao movimento realizado para um fim específico, a ação. Neste estudo, sugiro uma ação: a sua aplicação a partir do pressuposto da metodologia que utilizei neste trabalho, que se caracteriza como uma interligação entre os argumentos da perspectiva da velhice e do teatro, tornando-os próximos da realidade de um espetáculo, onde cada história contada, os personagens construídos e as cenas vivenciadas têm uma importância fundamental para o seu enredo. Finalmente, o *ato* também pode ser considerado a ação que estimula o sujeito idoso a ser protagonista na sociedade, potencializando a desconstrução de ideias e ações que o oprimem, de modo a fortalecer sua independência e autonomia ao longo dos anos vividos.

Utilizo também a terminologia *oficina* para referir-me às atividades em formato de cursos em caráter não-formal e de curta duração, que são oferecidos para idosos em serviços como os prestados em centros de convivência ou universidades abertas à terceira idade. Na busca sobre a origem dessa terminologia, apesar de pesquisar em diferentes meios sobre essa origem, foi somente estabelecendo contato com a Profª Dra. Ana Mae Barbosa, autora desse termo, que fez com que assertivamente adotasse *oficina* por definitivo em meu trabalho. De acordo com ela, *oficina* é uma tradução livre de

workshop, que aplicado no contexto da arte educação, refere-se à triangulação: prática, teoria e reflexão pessoal. Nos anos 80, essa era uma resposta à ditadura militar, que queria relegar a arte à emoção, separando-a da política e da possibilidade de reflexão partindo dos processos artísticos relacionados às questões da sociedade. Acredito que essa terminologia é a que mais representa a proposta desse estudo, pois defendo que ao agregar valores ao processo artístico dos indivíduos que envelhecem, contribuo também com sua reflexão acerca da velhice e a possibilidade de sua emancipação enquanto sujeitos idosos.

CENA

Cena I

Abertura: *Ano de 2007. Cortinas fechadas. Na frente das cortinas, há um ambiente que lembra uma sala de estar com duas poltronas, entre elas, uma mesa de centro com um abajur. Inicia uma música de fundo. Eulália e Joana entram pela lateral conversando futilidades. Sentam-se e ao diminuir a música de fundo, iniciam o diálogo:*

Joana (empolgada): *Eulália, você está sabendo que vai ter um baile de carnaval lá no Clube Espéria? Isso mesmo! Vai ser muito legal! É um baile com o tema "relembrando os anos 50"...*

Eulália (nostálgica): *Ah! Que época maravilhosa! As pessoas se respeitavam, eram gentis... e as músicas, então...! Fantasias, confetes, serpentinas... Lança perfume!*

Joana: *E os rapazes? Um mais bonito que o outro, cavalheiros, sabiam encantar uma mulher com palavras doces e gentis.*

Eulália: *Lembra quando fomos ao baile pela primeira vez?*

Joana e Eulália olham para trás com ar saudosista. Suspiram. A cena congela e a luz diminui.

Cena II

Abrem as cortinas. Ano de 1952. Há uma grande festa de carnaval, muitas pessoas dançando e brincando com confetes, serpentinas e lança perfume.
Joana e Eulália, jovens, encontram-se na festa e iniciam um diálogo, desconfiadas.

Eulália I (receosa): *Ai Joana! Será que o papai vai descobrir? Você nem imagina o que tive que fazer para sair de casa... Fingi que estava dormindo, coloquei um monte de roupas na cama e forrei com meu cobertor, pulei a janela bem devagarzinho para que ninguém ouvisse!*

Joana I: *Nossa! Mas você se machucou?*

Eulália I: *Não, não! Estou inteira.*

Joana I: *Eu menti para meus pais também, disse que ia dormir na casa da minha tia, mas mal sabem eles que minha prima, a Maria, filha da minha tia, ia estar aqui também. Tomara que eles não descubram!*

Fragmento do texto "Lembranças de Carnaval"
Criação coletiva | Oficina de Teatro
Oficina da Terceira Idade | Secretaria de Estado da Cultura 2007

A partir da cena II desse texto, os idosos participantes da oficina de teatro apresentam suas histórias de carnaval através dos personagens criados. Eulália é uma das personagens que, em 1952, perdeu seu grande amor numa festa de carnaval. Ela encontrou Pedro, seu admirador, conversando com outra mulher. Sentindo-se

publicamente humilhada decidiu sair correndo da festa e voltar para a casa de seus pais. Eulália nunca mais encontrou Pedro e viveu ao longo de sua vida com essa história mal resolvida afinal, o que as pessoas daquela época pensariam se ela tivesse aceitado Pedro de volta após ter cortejado outra mulher?

Este texto foi uma criação coletiva do grupo de idosos, o desfecho para essa história foi direcionado, através das sugestões dos próprios participantes, para o encontro da Eulália em sua versão jovem de 1952 com a idosa de 2007. Esse encontro revelou uma nova oportunidade para essa participante reviver artisticamente sua memória, só que desta vez com um novo posicionamento, no qual optou por perdoar e viver seu grande amor. A idade não foi um aspecto limitador para essa discussão, no qual o grupo pode refletir sobre os mitos e preconceitos que norteiam a relação afetiva entre o homem e a mulher.

A descrição deste processo artístico ilustra a possibilidade de ressignificação através da vivência teatral e da reflexão que norteou esse processo, contribuindo com a desmistificação e a revisão dos conceitos, no caso desta cena, sobre a relação afetiva entre homens e mulheres, comparando-as na temporalidade e verificando as novas possibilidades de relações, independente da idade.

Esta experiência me motivou a tratar, neste estudo, a ressignificação na velhice ao discutir oficinas de teatro como estratégia de emancipação.

Finalmente, cabe ressaltar que este estudo é uma dissertação de mestrado em que abordo um tema socio-vital bastante complexo. Apesar dos contrapontos necessários que esse tema exigiria, em vários momentos do texto eles foram realizados de modo parcial. Que o leitor não entenda essa afirmação como um pedido de desculpas, ou seja, trato apenas de esclarecer que minha pesquisa é um ponto de partida e que nessa abordagem inicial se inscrevem possibilidades de desdobramentos futuros nos quais seriam necessários aprofundamentos da discussão aqui apresentada.

RESUMO

MIGUEL, Diego Félix. **Processo artístico e terceira idade: oficinas de teatro como estratégia de emancipação da velhice.** 2015. Dissertação (Mestrado) – Escola de Artes Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Versão corrigida.

Neste estudo reflito a respeito de uma prática teatral (oficina de teatro) como atividade que pode contribuir com a inclusão do idoso na vida social e, desse modo, favorecer sua emancipação, entendida como autonomia e independência na velhice. Na primeira etapa, realizei revisão bibliográfica no qual busquei publicações referentes a oficinas de teatro para idosos, a fim de conhecer as metodologias utilizadas nestes cursos, seus objetivos e o desenvolvimento de seus respectivos processos artísticos. De acordo com as publicações que escolhi para analisar, verifiquei que um dos principais objetivos para a realização das oficinas de teatro em grupos de idosos era o de favorecer sua participação social e política, utilizando-se deste processo artístico para contribuir com a reflexão do idoso sobre sua trajetória histórico-social, valorizando suas experiências e ressignificando-as de modo a potencializá-los para mantê-los ativos. Posteriormente, realizei um grupo focal com os idosos integrantes do grupo de teatro "Art&fato da Idade", que contou também com a realização de uma oficina experimental de teatro e entrevistas individuais, nas quais analisei os principais aspectos relacionados à emancipação desses idosos. Através destes encontros realizados, tanto no grupo focal como na oficina de teatro, percebi que os três aspectos que emergiram intensamente no grupo foram: família, convenções sociais e sexualidade, e que estes se relacionam entre si e estão diretamente associados à emancipação.

Palavras chave: Idosos. Envelhecimento ativo. Velhice. Teatro. Emancipação.

ABSTRACT

MIGUEL, Diego Felix. **Artistic process and seniors: theater workshops as empowerment strategy of old age.** 2015. Thesis (MS) - School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2015. Corrected version.

In this study I reflect on a theatrical practice (theater workshop) as an activity that can contribute to the inclusion of the elderly in social life and thus promote their empowerment, understood as autonomy and independence in old age. In the first stage, I performed a literature review in which I sought publications related to theater workshops for seniors, in order to know the methodologies used in these courses, its objectives and the development of their artistic processes. According to the publications that chose to analyze, I found that one the main objectives for the realization of theater workshops in elderly groups were to favor their social and political participation, using this artistic process to contribute to the reflection of the elderly about its social history trajectory, valuing their experiences and giving new meaning to them in order to empower them to keep them active. Later, I conducted a focus group with elderly members of the theater group "Art&fato da Idade", which also featured performing an experimental theater workshop and individual interviews, in which I analyzed the main aspects related to the emancipation of the elderly. Through these meetings, both in the focus group as in the theater workshop, I realized that the three aspects that emerged strongly in the group were: family, social conventions and sexuality, and that they relate to each other and are directly associated with emancipation.

Key words: Elderly. Active aging. Old age. Theater. Emancipation.

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 – Atividades Propostas 24

Tabela 2 – Bibliotecas digitais, bases de dados e revistas científicas 59

Tabela 3 – Número total de publicações encontradas por bibliotecas digitais, bases de dados e revistas científicas 60

Tabela 4 – Título das publicações, origem, autores e ano..... 60

Tabela 5 – Ano e tipos de publicação..... 64

Tabela 6 – Temas das publicações 65

Tabela 7 – Critérios de inclusão e exclusão das publicações para análise crítica do estudo..... 67

Tabela 8 – Publicações incluídas e excluídas..... 67

Tabela 9 – Objetivos dos autores e minhas percepções das publicações 69

Tabela 10 – Sexo 76

Tabela 11 – Idade 77

Tabela 12 – Renda 77

Tabela 13 – Escolaridade..... 78

Tabela 14 – Estado civil 78

Tabela 15 – Estrutura familiar 78

SUMÁRIO

PRÓLOGO **19**

OBJETIVO GERAL **22**

OBJETIVOS ESPECÍFICOS **22**

METODOLOGIA **22**

SUJEITOS DA PESQUISA **25**

ASPECTOS ÉTICOS **27**

ATO 1: UM ENSAIO SOBRE A VELHICE E A CULTURA **27**

1.1 Centros de convivência para idosos **37**

1.2 Educação pela emancipação **39**

ATO 2: O TEATRO E O TEATRO-EDUCAÇÃO **42**

2.1 Teatro educação e idosos: o processo **49**

2.2 O processo artístico: o caminho para o autoconhecimento **51**

ATO 3: O PROCESSO ARTÍSTICO: IDOSOS EM CENA **57**

3.1 Revisão bibliográfica **58**

3.2 Conhecendo o grupo **74**

3.3 Os encontros: uma tarde para a reflexão sobre a velhice **79**

ATO 4: FAMÍLIA, CONVENÇÕES SOCIAIS E SEXUALIDADE: CONVICÇÕES SOBRE EMANCIPAÇÃO NA VELHICE **81**

EPÍLOGO **98**

REFERÊNCIAS **105**

ANEXOS.....110

PRÓLOGO

> *Enfraquecido, empobrecido, exilado no seu tempo, o velho permanece, no entanto, o homem que era. Consegue ele, no dia a dia, arranjar-se com uma tal situação? Que chances lhe deixa ela? Que defesas ele lhe opõe? Pode adaptar-se, e a que preço?*
>
> *BEAUVOIR (1990)*

A velhice, conhecida como a etapa final da vida, também está presente em discursos românticos que produzem a sensação de mérito ao idoso por ter trilhado uma trajetória de longos anos, através da vivência de experiências relevantes, da história de vida entendida como uma singela contribuição para a parametrização de nossa cultura e costumes; uma fase que também é marcada pela liberdade de escolha e oportunidade de ressignificação. *A velhice* na década de 1970 motivou Simone Beauvoir a lançar o seu livro histórico (com esse mesmo título), numa época em que pouco se falava sobre esse assunto, numa proposta de chamar atenção para esse segmento, justamente por não receber seu devido valor e cuidado; num momento em que idosos eram submetidos à pobreza pela desvalorização da aposentadoria, isolados da sociedade por serem considerados inúteis e imersos num processo de desvalorização humana regido pela improdutividade, que muitas vezes suscitou na perda do sentido da existência. A velhice foi colocada em pauta numa sociedade que só tinha olhos para crianças e adolescentes com uma proposta de reflexão sobre a opressão que os idosos estavam expostos, e alarmar sobre a necessidade de desmitificar esta fase da vida, de repensar e valorizar os idosos, de torná-los potentes, de modo que não se deixassem vencer pela sensação da improdutividade.

Apesar de terem passados quase cinquenta anos do lançamento desse livro, a velhice é ainda um dos desafios da contemporaneidade, que mesmo com a mudança de alguns estereótipos, trata-se de uma realidade muito complexa, repleta de preconceitos e composta por um conjunto de especificidades, considerando que não há um modelo a ser seguido sobre o ideal do envelhecer e sim um cenário social composto por diferentes idosos inseridos em culturas e realidades distintas que constituem um constructo sociocultural heterogêneo.

A importância de pensarmos a velhice parte de várias perspectivas, desde o ponto de vista da demografia com o aumento da expectativa de vida que suscitou no crescimento considerável do número de idosos, tornando-se uma das conquistas sociais alcançadas ao longo da história, principalmente nos países em desenvolvimento, como o Brasil. O envelhecimento populacional é um fenômeno procedente da relação entre o aumento da expectativa de vida e os baixos índices de natalidade. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística – IBGE (*apud* ALBUQUERQUE, 2013), em 2011 a expectativa de vida do brasileiro era de 74,08 anos de idade, um aumento de 0,31 anos (03 meses e 21 dias), em comparação aos dados obtidos em 2010. Esta realidade não é exclusiva do Brasil. Considerando os dados apresentados pelo Fundo de População das Nações Unidas (2012), uma a cada nove pessoas no mundo tem sessenta anos ou mais, e projeta-se que em 2050 haja um idoso a cada cinco pessoas.

Também é relevante pensarmos da perspectiva social, em que a idade cronológica não pode ser considerada um marcador preciso para as mudanças que acompanham o envelhecimento e a passagem para a velhice, mas sim todos os aspectos biopsicossociais e culturais que norteiam esse processo. Para caráter burocrático, a faixa etária estipulada para denominar a velhice é a partir de sessenta e cinco anos nos países centrais, e sessenta anos nos países em desenvolvimento (OMS, 2005). Numa outra perspectiva, a aposentadoria é um evento que acontece, na maioria das vezes, próximo a essa faixa etária, tornando-o um marcador social, um rito de passagem para a velhice, e que é permeado por muitos estereótipos culturais.

Por se tratar de um período culturalmente tido como improdutivo, os laços afetivos podem ser enfraquecidos, pois deixamos de conviver diariamente com os colegas que acompanharam nossa trajetória profissional, assim como a sensação de improdutividade pode nos deixar vulneráveis a uma série de situações que resultam no isolamento social e doenças que, com o passar dos anos, interferem na independência e autonomia do idoso.

Neste cenário de vulnerabilidade, surgem políticas públicas para atender de modo emergencial esse segmento da população, com o intuito de potencializá-lo em seus aspectos biopsicossociais e contribuir, mesmo que a passos pequenos, com uma

mudança de paradigma da velhice, comprometendo-se a incentivar novos meios de produção, mantendo-os com independência e autonomia.

Os centros de convivência, universidades abertas à terceira idade e outros formatos de serviços destinados à idosos, surgem desta perspectiva como espaços destinados à promoção do envelhecimento ativo – conceito estabelecido pela Organização Mundial de Saúde como uma alternativa de favorecer a independência e a autonomia à medida que as pessoas envelhecem, tornando-as assim idosos ativos, participativos (OMS, 2005). Muitos desses serviços oferecem cursos e ações específicas para este público como atividades físicas, oficinas de artes visuais, artesanato, teatro, dança, música e muitos outros contemplados em uma programação diversificada.

A oficina de teatro é uma das atividades que aparecem com recorrência nessas programações e é uma linguagem artística muito apreciada pelos idosos, por se tratar de uma expressão criativa que pode favorecer diversos aspectos, dentre eles a sensação de superação, a descoberta de novas possibilidades de vida através do personagem, a sociabilização e o autoconhecimento.

Nesse paradoxo existente entre realidades e ideias sobre *as velhices*, é que realizei este estudo, pois considero relevante a reflexão dos aspectos que contribuem com a emancipação dos idosos, partindo de seus próprios olhares e percepções, enquanto protagonistas de suas trajetórias, como forma de contestação e revisão dos conceitos e ideologias sociais que desfavorecem sua autonomia e independência. Acredito que idosos participantes de oficinas de teatro estão mais expostos à essa reflexão, por estarem envolvidos intensamente num movimento de autorreflexão e autoconhecimento por meio das atividades e propostas em que, mergulhados no processo artístico, tornam-os potentes e seguros para sua auto exposição, que geram confrontos de mitos e a oportunidade de desconstrução dos pré-conceitos partindo da sua própria releitura sobre o envelhecimento, através da superação e desvelamento como meios para a ressignificação.

Sendo assim, adoto a premissa de que velhice é uma construção sociocultural, ou seja, uma invenção social. Neste estudo, busco desconstruir a ideia de que há um processo natural de envelhecimento e velhice ao apresentar um contraponto de velhice enquanto experiência subjetiva e coletiva.

OBJETIVO GERAL

Investigar a prática teatral (oficina de teatro) como atividade que pode favorecer a emancipação de idosos entendida como autonomia e independência na velhice e, desse modo, contribuir com o reconhecimento do envelhecimento ativo e a inclusão de idosos na vida social.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Revisar a bibliografia disponível sobre "oficinas de teatro para idosos";
2. Examinar a contribuição (efetiva ou potencial) dessas atividades para que a velhice seja reconhecida positivamente;
3. Analisar em que medida essas atividades favorecerem atitudes de emancipação entendida como autonomia e independência na velhice.

METODOLOGIA

Realizei este estudo a partir de uma revisão bibliográfica de trabalhos científicos que tratam sobre o tema "oficina de teatro para idosos", a fim de promover uma reflexão acerca da velhice enquanto construção sociocultural e a emancipação a partir da participação do idoso nessas atividades.

Para a segunda parte desse estudo, realizei uma pesquisa com abordagem qualitativa para analisar o depoimento dos idosos integrantes de um grupo de teatro.

De acordo com MINAYO (1993), a abordagem qualitativa deve ser empregada para compreender fenômenos específicos e delimitáveis pelo seu grau de complexidade interna. Neste estudo proponho a análise dos depoimentos de idosos integrantes do grupo de teatro "Art&fato da Idade" e em que medida os entrevistados mencionarão que perceberam-se mais independentes e autônomos, com interesse ou possibilidade de desmitificarem a velhice através de seu protagonismo e de novas possibilidades de atuação no cotidiano ao considerarem suas experiências com a prática artística. A autora conceitua que essa abordagem é relevante quando buscamos um nível mais profundo na investigação, através dos significados, motivos, aspirações, atitudes, crenças e valores

que se expressam pela linguagem comum e na vida cotidiana. Este conceito relaciona-se com esta pesquisa, uma vez que corrobora, através dos relatos dos idosos, na identificação de seus anseios ao buscarem a prática teatral e como esses se relacionam com sua emancipação.

Dentre as possíveis abordagens de cunho qualitativo, optei pela realização do grupo focal, considerando esta metodologia como uma técnica específica de coleta de dados realizada por uma entrevista em grupo, em que a interação se configura como parte integrante do método, intensificando o acesso às informações acerca de um fenômeno.

Neste estudo, acredito que a realização do grupo focal foi uma técnica que facilitou o acesso às informações relativas à percepção de idosos que participam da prática teatral e associam o processo artístico às atitudes que potencializam a emancipação na velhice.

Segundo BACKES (2011), no processo os encontros grupais possibilitam aos participantes explorarem seus pontos de vista, a partir de reflexões sobre determinado fenômeno social, em seu próprio vocabulário, gerando suas próprias perguntas e buscando respostas pertinentes à essa questão sob investigação, método propício para utilização na realidade de uma oficina de teatro, na qual a interação, o argumento e a reflexão fazem parte do seu processo e que contribui para um ambiente intimista e de maior proximidade entre os integrantes do grupo.

Realizei também entrevistas individuais com componentes do grupo de teatro "Art&fato da Idade", a partir da vivência de uma oficina de teatro, que contribuiu para que eu conhecesse os participantes que integram esse grupo de teatro, de modo a verificar durante esse processo artístico se em seus relatos e apontamentos emergiam potencialmente aspectos relacionados à emancipação, e a partir desses, escolhi os idosos que tinham maior proximidade com o tema em questão para realizar a entrevista individual.

Quanto ao discurso dos idosos oriundo do grupo focal e da entrevista individual, escolhi o método de análise de conteúdo, que segundo BARDIN (1977), é um conjunto de instrumentos metodológicos que se aperfeiçoam constantemente e que

se aplicam aos discursos diversificados, utilizando procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Esta metodologia de análise consiste em tratar a informação a partir do roteiro específico, iniciando com a pré-análise a partir da escolha dos documentos e formulação de hipóteses; a exploração do material, nas operações de codificação, e por último, no tratamento dos resultados e interpretações, relacionando os resultados obtidos ao escopo teórico. Seguindo estas etapas, analisei os discursos oriundos do grupo focal e utilizei os relatos de experiências que foram colhidos ao longo dos encontros para exemplificar a relação dos discursos com a oficina de teatro.

Inicialmente realizei o grupo focal com 06 idosos integrantes do grupo de teatro "Art&fato da Idade", que voluntariaram-se de acordo com seu interesse. Neste encontro foram explorados assuntos relacionados com os 03 temas dessa pesquisa: terceira idade (envelhecimento e velhice), protagonismo e emancipação (autonomia). A discussão do grupo foi gravada e posteriormente transcrita de modo a garantir que todos os dados oriundos desse encontro fossem analisados.

Posteriormente, realizei uma oficina de teatro com os idosos participantes do grupo focal, constituída por 05 encontros, sendo 01 encontro por semana com 02 horas de duração cada.

Nestes encontros, propus atividades de aquecimento, expressão corporal, jogos teatrais e improvisações, organizadas conforme a tabela abaixo:

Tabela 1 – Atividades Propostas

	Atividades Propostas
1º encontro	Aquecimento e expressão corporal: exploração do espaço, dos planos e equilíbrio. Jogos teatrais: resolução de problemas, foco, comunicação cênica e improvisações livres. Espaço cênico e foco.

2º encontro	Expressão Corporal: variações de tempo e ritmo, autopercepção corporal, estudo do movimento. Jogos teatrais: resolução de problemas e improvisações com tema pré-estabelecido. Triangulação e construção de personagem.
3º encontro	Expressão Corporal: exploração da sinestesia e de objetos cênicos. Jogos teatrais e improvisações com temas escolhidos pelos subgrupos formados. Foco e triangulação.
4º encontro	Expressão corporal e aquecimento. Improvisação e construção de personagens a partir das improvisações.
5º encontro	Aquecimento e expressão corporal. Improvisações e encerramento.

No término de cada encontro, realizei um momento de reflexão com os participantes sobre as atividades que propus naquele dia através das perguntas "O que foi realizado hoje? O que te provocou?" para avaliar quais atividades e aspectos desenvolvidos foram mais relevantes para o grupo naquela vivência e contextualizá-los. Nas entrevistas individuais, propus a reflexão dos idosos sobre as possíveis relações entre a prática artística e os temas: terceira idade, protagonismo e emancipação (autonomia), explorando suas histórias e experiências.

Todas as conversas foram gravadas, totalizando 03 horas de áudio, que posteriormente foram transcritas de modo a garantir que todos os dados desse grupo fossem analisados.

Para o processo de análise dos dados, realizei a leitura das transcrições e mapeei os principais aspectos mencionados pelos idosos, partindo de suas percepções e das relações presentes em seus discursos colhidos ao longo das etapas deste estudo, no grupo focal, nas reflexões provenientes pela prática artística e das entrevistas individuais; isto me permitiu ter uma visão ampliada dos principais aspectos que emergiram dos encontros.

SUJEITOS DA PESQUISA

Para a realização desta pesquisa, escolhi inicialmente desenvolvê-la com os idosos participantes das atividades do "Programa da Terceira Idade" do Serviço Social do Comércio – SESC, por ser pioneiro na criação de programas de caráter artísticos e

culturais para a terceira idade. Porém no exame de qualificação, foi-me sugerido que eu revisasse minhas expectativas quanto à escolha do grupo de idosos, alinhando-as em consonância com o meu objetivo, considerando que se trata da investigação sobre os aspectos emancipatórios da velhice do ponto de vista da autonomia. Por este motivo, recorri à Oficina Cultural da Terceira Idade, serviço da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo que, até alguns anos atrás, desenvolveu oficinas culturais em grupos de terceira idade em diferentes regiões de São Paulo, que através da minha solicitação, indicou-me o grupo de teatro "Art&fato da Idade".

De acordo com MINAYO (apud NETO, 2004), o campo de pesquisa é o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação, motivo pelo qual, escolhi a realização desta pesquisa no grupo de teatro "Art&fato da Idade". Trata-se de um grupo autônomo e que atualmente utiliza o Tendal da Lapa como um espaço de referência para os ensaios, com caráter de empréstimo de espaço, sem possuir nenhum vínculo institucional. Considero que a história do grupo de teatro "Art&fato da Idade" é marcada por uma trajetória que muito se aproxima da emancipação e do protagonismo do idoso, temas tratados nesta pesquisa.

O grupo foi formado em 1988 através da iniciativa dos idosos participantes de oficinas de teatro que aconteciam em diferentes pólos culturais da cidade de São Paulo que convergiam da necessidade de formarem um grupo experimental, em que não fossem vinculados à um órgão específico que determinasse sua periodicidade de encontros e de duração, formando um grupo autônomo. A líder do grupo, a Sra. M.B.B. de 85 anos de idade, conta que em 1988 tornou-se voluntária no Fórum Nacional da Terceira Idade, uma instituição que oferecia cursos para idosos gratuitamente na região central de São Paulo. Partindo do seu desejo de participar de um grupo de teatro autônomo, por iniciativa própria, fez ampla divulgação entre os idosos da região e captou os integrantes e um professor que voluntariamente ministrou aulas de teatro e dirigiu os idosos dando origem ao grupo de teatro "Art&fato da Idade".

Em sua trajetória, o grupo soma mais de 20 espetáculos e 10 prêmios de festivais de teatro amador e até os dias de hoje está ativo, e, apesar de muitos idosos que participaram desse início já terem falecido ou terem se afastado por motivos de doença, ao longo dos anos foram agregados novos componentes que surgiram espontaneamente, a partir de seu próprio interesse, pela simples divulgação ou por terem prestigiado

algum espetáculo do grupo. O critério para inclusão do idoso neste grupo é ter disponibilidade para os ensaios.

Escolhi como critérios de inclusão para participação da pesquisa os idosos integrantes do grupo "Art&fato da Idade", com independência e autonomia preservadas e que tenham experiências anteriores em oficina de teatro.

ASPECTOS ÉTICOS

De acordo com a proposta metodológica apresentada, submeti esta pesquisa ao Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – EACH/USP, que foi aprovado em 18 de março de 2015 sob o número 990.729 (anexo I).

A identidade dos sujeitos está mantida em sigilo, previamente combinado com todos as regras para participação deste estudo através da apresentação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo II).

ATO 1: UM ENSAIO SOBRE A VELHICE E A CULTURA

> *Meu papel é o de mostrar às pessoas que elas são muito mais livres do que pensam ser; que elas têm por verdadeiras, por evidentes, alguns temas que foram fabricados num momento particular da história, e que essa suposta evidência possa ser criticada e destruída.*
>
> *FOUCAULT (2007)*

O que é a velhice a não ser mais uma etapa da vida com características específicas e subjetivas? Há diversos modos de nos aproximarmos desta questão sócio-vital complexa. Neste estudo me alinho com a afirmação de Foucault; no qual a ideia de liberdade perpassa por nossas crenças que foram criadas num determinado momento histórico, proeminentes das relações de poder presentes na sociedade ocidental. Defendo que é relevante refletir sobre os conceitos que são culturalmente disseminados, e a partir

disso criar meios que possam ser emancipatórios. Em outros termos, somos muito mais complexos que os "rótulos" que generalizam e reduzem as qualidades humanas às ideias superficiais e que desconsideram a subjetividade presente em cada fase da vida.

O que é ficar velho? Quais são as características que marcam a velhice? As respostas sobre o questionamento "o que é ficar velho?" podem apontar percepções arraigadas de mitos e estereótipos que foram constituídos ao longo dos anos por referenciais advindos de outras culturas permeadas em nossa realidade ou ainda ideias que se identificam com um interesse latente do consumo. Devemos considerar a velhice como uma fase da vida proveniente do processo de envelhecimento que é permeado pelos aspectos biopsicossociais nos quais que estamos envolvidos, portanto as características da velhice não devem ser reduzidas as rugas, cabelos brancos, a imagem do velho associada à bengalas e próteses dentárias, afinal, assim como todas as demais fases da vida, a velhice é uma experiência heterogênea, ou seja, cada pessoa envelhecerá de uma forma diferente.

Quem quer ficar velho? Em nosso cotidiano ouvimos com frequência relatos de pessoas que dizem não quererem ficar velhas. Quando indagadas do "por quê?" as respostas podem partir das perspectivas da autoimagem (características biológicas da velhice), das doenças (no quais idosos estão mais suscetíveis) ou da concepção de improdutividade (suscetíveis pelos declínios cognitivos, funcionais e status social).

BEAUVOIR (1990) conceitua que a velhice é incerta, confusa e contraditória, que é uma categoria social mais ou menos valorizada segundo as circunstâncias, e é para o indivíduo um destino singular, o seu próprio.

Ao pensarmos na imagem do velho, podemos remeter as características imaginadas a uma pessoa idosa que tenhamos contato em nosso cotidiano, como também imaginarmos a figura estereotipada da velhice apresentada em nossa cultura ou nos meios de comunicação de massa. Essa imagem é projetada em consonância com referência que recebemos ao longo de nossa formação sobre *o que é o velho* e *o que o torna velho*.

Na mídia, a imagem da velhice no universo infantil pode ser apresentada através de personagens que vão desde a bruxa com seu rosto enrugado e com um nariz avantajado com uma verruga na ponta até uma personagem da tradicional vovó fazendo

tricô em uma cadeira de balanço, ou acolhendo seus netos com pedaços de bolos ou tortas. Estas imagens estão presentes em livros de contos de fadas, desenhos infantis e demais programas para esse público e que se tornam parte do nosso constructo social da velhice nos nossos primeiros anos de vida. Para o jovem e adulto, essa imagem midiática pode ser diferenciada. Nos personagens presentes nos programas de humor, filmes e telenovelas entramos em contato com um repertório vasto de clichês sobre a velhice, que partem do pressuposto da inatividade, improdutividade, intensificando estereótipos como surdez e esquecimento ou temas que favorecem a ideia de negação da velhice, como os produtos de antienvelhecimento, a supervalorização da juventude, o mito da sexualidade e modelos extremistas de uma velhice peculiar de um determinado estilo de vida, como "vovô surfista" e "vovó motoqueira".

Neste cenário de *velhices* é relevante pensarmos quem de fato é o velho em nossa sociedade, a partir do olhar para o nosso próprio processo de envelhecimento, de forma a desmitificá-lo, torná-lo próximo da nossa realidade.

De acordo com BOBBIO (1997) a velhice não pode ser representada apenas pela idade cronológica, mas há outros dois aspectos que determinam essa etapa da vida:

- A *idade cronológica* como uma velhice meramente formal, no Brasil estabelecido pelo Estatuto do Idoso, pela Lei nº 10.747, de 1º de outubro de 2003, artigo 1º no qual institui o Estatuto do Idoso como documento que regulamenta os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos.

- A *idade burocrática* garante acesso a serviços e benefícios específicos como direito a gratuidade do transporte coletivos públicos. Para gratuidade na utilização de ônibus municipais é a partir dos 60 anos e no acesso ao metrô a partir dos 65 anos de idade; direitos políticos, como por exemplo, o voto facultativo para idosos a partir de 70 anos; direito a aposentadoria a partir dos 60 anos para mulheres e 65 anos para os homens; direito a benefícios de seguridade social como o Benefício de Prestação Continuada (Lei Orgânica da Assistência Social) que beneficia pessoas com idade igual ou superior a 65 anos que não possuem meios de prover sua subsistência.

- A *idade subjetiva* não depende de uma idade específica, mas sim de indivíduos que se sentem ou se enxergam como velhos.

A aposentadoria é um dos principais aspectos que marcam a passagem do indivíduo para a velhice por ser uma ruptura no auge da vida profissional ativa. Os períodos da jornada diária de trabalho formal no qual nos habituamos ao longo dos anos deixam de existir, e entramos, então, no processo socialmente considerado como um período de ócio, de inatividade, de não produção.

Na infância, somos educados para o trabalho e através dele que fortalecemos nossas relações em diferentes âmbitos. Estamos expostos a uma cultura de produção e de consumo no qual nossa vida está imersa, entretanto há possibilidade de mudanças dessa lógica no decorrer do curso da vida, inclusive na etapa final, na velhice.

Segundo MARX E ENGELS (apud CEVASCO, 2003) na produção social da vida, os homens entram em relações determinadas de produção que são indispensáveis e independentes de suas vontades, relações de produção que correspondem a um estágio definido do desenvolvimento das forças materiais produtivas. Na velhice essa lógica de produção social se acentua no pólo do consumo, podemos observar por exemplo, que apesar dos idosos não participarem diretamente da estrutura produtiva, esses são os principais consumidores de serviços de saúde e medicamentos.

Entretanto em uma sociedade de estrutura econômica capitalista, é importante considerar que a imagem do velho muitas vezes sofre a depreciação social de uma hegemonia que reforça a ideia da improdutividade partindo do pré-conceito de não desempenhar um trabalho formal e da sensação de inutilidade por causa de seu novo papel social, o do aposentado. Para WILLIAMS (2011), a hegemonia é um sistema central de práticas, significados e valores que podemos chamar de dominante e eficaz, inter-relacionados em um sistema que se confirmam mutuamente e fornece as coordenadas mais amplas de determinada ordem social, que se constituem de um ideal que é vivenciado cotidianamente pelos membros de uma sociedade em um determinado período. Conforme o mencionado autor:

> A hegemonia constitui um sentido de realidade para a maioria das pessoas em uma sociedade, um sentido absoluto por se tratar de uma realidade vivida além da qual se torna muito difícil para a maioria dos membros da sociedade mover-se, e que abrange muitas áreas de suas vidas. A hegemonia não se trata de um sistema estático, mas faz parte de um processo social real do qual ela depende. (WILLIAMS, 2011).

Através da hegemonia presente no discurso capitalista que valoriza a produção e o consumo, evidenciamos a relação de poder existente em uma sociedade que marginaliza as pessoas que não estão à frente das forças de trabalho.

Neste contexto histórico, a aposentadoria está aliada a uma série de atributos que desfavorecem a continuidade do idoso no mercado de trabalho, dentre elas, as limitações funcionais e cognitivas que fazem parte do processo de envelhecimento, expondo o velho à desvalorização social pela ideia de inatividade e da escassez de recursos materiais pelo decréscimo da renda financeira. BEAUVOIR (1990) conceitua que, segundo a visão dos poetas, a aposentadoria é um tempo para liberdade e lazer, porém a sociedade impõe sobre a maioria dos velhos um nível de vida tão miserável que a expressão *"velho e pobre"* constitui quase um pleonasmo. Isso se dá pela cultura capitalista, marcada por uma economia que é baseada no lucro e por uma sociedade subordinada de tal forma que o material humano só interessa enquanto produz. Por isso, a importância de valorizar a identidade do velho nesta fase da vida. De acordo com a autora citada:

> O fato de que o homem nos últimos anos de vida não seja mais que um marginalizado evidencia o fracasso de nossa civilização: esta evidência nos deixaria engasgados se considerássemos os velhos como homens, com uma vida atrás de si, e não como cadáveres ambulantes. (...) Exigir que os homens permaneçam homens em sua idade mais avançada implicaria numa transformação radical. (BEAUVOIR, 1990)

A aposentadoria é um período da vida que apresenta muitas opressões vivenciadas pelos velhos na desvalorização de sua memória histórica e cultural, implicando em sua marginalização social, expondo-os às vulnerabilidades, dentre elas à depressão e ao isolamento. Desse modo:

> O aposentado, quase sempre sem ter consciência do que se passa socialmente com ele, sem ter a oportunidade de se preparar para outras atividades, sem o trabalho para o qual se dedicou durante longos anos, muitas vezes, desenvolve sintomas depressivos em face das dificuldades de refazer seu projeto de vida de uma maneira socialmente útil. Com auto estima diminuída, ele tende a debitar em si mesmo esse seu momento como fracasso pessoal e não consegue entender que esse é um processo socialmente produzido. (PACHECO e CARLOS, 2013).

Este processo social perpassa pela opressão presente na sociedade com a valorização da produção capitalista, considerando a velhice como uma fase ociosa da vida, o que enaltece no idoso a sensação de incapacidade e improdutividade, interferindo assim, em suas rotinas diárias e na elaboração de novos projetos de vida,

que são justamente as perspectivas de como lidar com seus próximos anos de vida. Por essa questão, é relevante promover a consciência desse sistema opressor aos idosos, o que é fundamental para estimular rupturas nesse cenário e favorecer novas oportunidades na velhice em seu processo de construção sócio cultural.

Com o aumento da expectativa de vida, o idoso, após a aposentadoria, vive em média de 20 a 30 anos, em muitos casos, podendo ultrapassar essa estimativa. Quando se aposenta, o idoso adquire em média de 8 a 12 horas diárias de ócio, que antes eram utilizadas no trabalho formal. Na vida profissional ativa, estas horas geralmente são preenchidas por vários estímulos cognitivos e funcionais, que partem da resolução de problemas a atividades de esforço físico, assim como estímulos à vida social que são reforçados através dos inúmeros contatos pessoais que são estabelecidos diariamente, e que por muitas vezes, formam-se vínculos que se estendem além da empresa.

Com a aposentadoria, essas horas de produção, considerando-as pela ótica que perpassa dos estímulos biopsicossociais à geração de bens capitais, são reduzidas do ponto de vista cultural à "ociosidade e improdutividade", reforçando a sensação de "fracasso", motivo que, muitas vezes, desencadeia nos idosos episódios de depressão e isolamento. Entretanto, neste momento há oportunidade de nova inscrição social dos idosos que não no mundo do trabalho com possibilidades de participação em atividades de lazer e convivência, tais como o teatro, que pode contribuir com a interação social dos indivíduos que envelhecem e com a ressignificação da velhice.

Para DEBERT (2013), a partir dos anos 70 com a propagação da Gerontologia, o despontar das novas imagens do envelhecimento e as formas contemporâneas de gestão da velhice no contexto brasileiro se tornaram ativas na revisão dos estereótipos pelos quais as etapas mais avançadas da vida são tratadas.

Nas últimas décadas, a imagem da velhice está passando por uma mudança de paradigma que está sendo tratada com aspectos mais positivos. Segundo a autora supramencionada:

> Essas imagens também oferecem um quadro mais positivo do envelhecimento, que passa a ser concebido como uma experiência

> heterogênea em que a doença física e o declínio mental, considerados fenômenos normais nesse estágio da vida, são redefinidos como condições gerais que afetam as pessoas em qualquer idade. Elas possibilitaram, ainda, a abertura de espaços para que novas experiências pudessem ser vividas coletivamente. Neles, é possível buscar a auto-expressão e explorar identidades de um modo que era exclusivo da juventude. Esses espaços estão sendo rapidamente ocupados pelos mais velhos. (DEBERT, 2013).

A criação do termo "terceira idade" também foi importante para a ressignificação da velhice. Essa terminologia teve origem na França na década de 70.

MACIEL (2009) conceitua que esse período foi marcado pelo investimento dos países centrais nas pessoas com mais de 65 anos para mantê-los ativos. Esta atitude além de possibilitar um envelhecimento saudável, era conveniente para o sistema de saúde, as finanças do Estado e para toda a sociedade, de modo a exercer um controle social sobre esse segmento da população.

As ações voltadas para a terceira idade podem tornar o envelhecimento como uma experiência mais gratificante, favorecendo uma velhice participativa e produtiva. Consoante Debert:

> Essas novas imagens do envelhecimento que acompanham a construção da terceira idade ocupam um espaço cada vez maior na mídia que – respondendo ao interesse crescente da sociedade pelas tecnologias de rejuvenescimento – desestabiliza mecanismos tradicionais de diferenciação no interior do mundo dos experts e, ao mesmo tempo, abre novos campos para articulação de demandas políticas e para a constituição de novos mercados de consumo. (DEBERT, 2013).

A criação de uma nova linguagem e novos meios de tratamento aos velhos e aposentados acompanham o crescimento desse mercado, ao invés de velhice falamos de terceira idade, assim como aposentadoria ganha um novo sentido com o termo aposentadoria ativa. De acordo com Guita Grin Debert:

> Os signos do envelhecimento são invertidos e assumem novas designações: "nova juventude", "idade do lazer". Da mesma forma, invertem-se os signos da aposentadoria, que deixa de ser um momento de descanso e recolhimento para tornar-se um período de atividade e lazer. Não se trata mais apenas de resolver os problemas econômicos dos idosos, mas também proporcionar cuidados culturais e psicológicos, de forma a integrar socialmente uma população tida como marginalizada. É nesse momento que surgem os grupos de convivência e as universidades para a terceira idade como formas de criação de uma sociabilidade mais gratificante entre os mais velhos. (DEBERT, 1999).

É relevante refletir sobre as designações utilizadas atualmente para entendermos o que estas produzem no constructo social da velhice. Terminologias como "melhor idade", "nova juventude" e "idade do lazer" são concepções normativas que supervalorizam essa etapa, partindo da generalização de que esta seria a melhor fase da vida no qual a autonomia e independência são vivenciadas em sua totalidade (em seus aspectos biopsicossociais), muitas vezes utilizado com um caráter tendencioso ao consumo que visa desqualificar as demais etapas da vida, mas reforça a ideia de um preconceito reverso, o da negação da velhice em suas especificidades socioculturais e biológicas.

No contexto apresentado por Debert, são reforçadas a imagem do idoso ativo, em que se apresenta socialmente um novo olhar para a velhice e se refere ao idoso que possui sua independência e autonomia preservadas. Porém mesmo com essa nova ressignificação do velho na sociedade, ainda há aspectos relevantes para refletir, entre eles a sua integração social, de modo a favorecer sua articulação com a sociedade, participando ativamente.

Como o idoso pode articular com uma sociedade que ainda não conhece o potencial desse novo conceito de velhice? Muitos pesquisadores acreditam que, ao favorecer a relação entre as diferentes gerações, é possível desmitificar a velhice e promover uma melhor compreensão às diferenças a partir dessa proximidade de realidades.

MANNHEIM (1928) descreve que o fenômeno social "geração", nada mais representa do que um tipo particular de identidade, de situação de grupos de idade mergulhados num processo histórico social. Se os membros de uma determinada geração compartilham de experiências históricas, contextos e realidades num mesmo período de tempo, como acontecem as relações entre velhos e jovens que vivenciaram os extremos dessa cultura?

Atualmente há programas específicos que favorecem momentos de interação entre jovens e idosos. Segundo NEWMAN (2011), os programas intergeracionais são modelos de planejamento social que fornecem atividades importantes e contínuas, além do intercâmbio de recursos e do aprendizado entre as gerações.

Estes programas, que na maioria das vezes acontecem por meio de atividades planejadas no formato de oficinas de arte ou de recreação e lazer, têm o objetivo principal de estimular essa troca de experiências e conhecimentos, de modo a contribuir com a preservação da memória cultural e favorecer a integração entre as pessoas de diferentes idades.

Neste processo educativo, essa relação entre as diferentes gerações pode auxiliar no processo de desconstrução e de desmitificação da velhice para o jovem que poderá se aproximar da realidade *do que é ser velho*, assim como para o próprio idoso, que poderá rever e traçar novos desafios e projetos de vida através do contato com novas possibilidades e concepções culturais por meio desta experiência.

Por intermédio dessa relação, os velhos podem colaborar com a formação cultural das demais gerações através dos relatos de suas experiências, sociais e familiares, além de contribuir com a desalienação cultural e política por meio de suas histórias, assim como contextualizar e fortalecer os costumes culturais e promover novas concepções para o jovem vivenciar o envelhecimento.

Segundo NERI (2008), cada história de vida envolve um esforço de encontrar ou de atribuir um significado à própria experiência, essas histórias são vistas como típicas de um tempo individual (a própria vida) e de um tempo compartilhado (tempo histórico e social) por pessoas da mesma geração. O conceito de *geratividade* vem das expectativas dos grupos humanos quanto à transmissão de suas experiências e conhecimentos a outras gerações com o objetivo da continuidade cultural, o que torna relevante esse estímulo na vida cotidiana, por meio das trocas de saberes e das experiências de vida.

Em outra perspectiva, para os velhos é importante estabelecer os vínculos com os jovens porque através do aprendizado e da experiência dessa relação, eles podem interagir melhor com as novas tecnologias como celulares, computadores, máquinas digitais, assim como ter acesso às tendências contemporâneas como moda, arte, estilos de vida, novas estruturas sociais, familiares e repensar em novas perspectivas e projetos, considerando que após os sessenta anos ainda há uma estimativa que pode ultrapassar mais quarenta anos de vida.

Neste processo de troca de aprendizado e experiências culturais, WILLIAMS (2011) defende a ideia de que os modos de incorporação cultural acontecem por meio de uma "tradição seletiva". De acordo com o autor, tradição é considerada pela cultura dominante como passado significativo, porém ao ser transmitido para as demais gerações, essa tradição passa pelo processo de seleção a tal forma que toda uma área possível do passado e do presente é escolhida e enfatizada, enquanto outras são negligenciadas e excluídas.

Considero que nesse processo de relações intergeracionais, assim como em todas as relações existentes, o poder da hegemonia sobre a minoria se faz notório, e este será de acordo com as necessidades estabelecidas em dado período histórico, buscando tirar proveito ao máximo dessa realidade. Condizente com este conceito, entendo que, com o acelerado processo de envelhecimento populacional, foi relevante para a sociedade realizar a revisão do conceito da velhice e, através desta nova concepção, promover uma cultura de valorização do velho, este com possibilidades de apontar novos horizontes para novas condições de produção, partindo do pressuposto de que as pessoas passaram a envelhecer com melhor qualidade de vida e começaram a se tornar mais ativas que seus ancestrais.

A desmitificação da velhice por meio da criação de novas terminologias, como por exemplo, terceira idade, foi fundamental para valorizar e potencializar esse segmento da população, de modo que se mantivessem ativos por maior tempo de vida, produtivos e consumistas; porém é relevante refletir se nessas novas terminologias há uma tendência intrínseca de negação à velhice e de rejeição ao seu processo biopsicossocial que são naturalmente suscetíveis a declínios e perdas.

O incentivo de propostas que promovam as relações entre os idosos e as relações intergeracionais por meio da vivência artística é relevante para reforçar a revisão do conceito de velhice a partir do próprio processo de envelhecimento e proporcionar a tolerância e compreensão às diferenças entre as gerações, para que sejam agregados diversos olhares e pontos de vista, a fim de alcançar a emancipação dos conceitos que nos aprisionam e marginalizam.

1.1 Centros de convivência para idosos

Neste cenário onde a velhice se apresenta como um novo desafio na revisão de conceitos e de estruturas sociais, impõe-se a proposição por parte do poder público de políticas públicas e programas que visam atender essa demanda emergente da população, com o objetivo de favorecer melhores condições de vida às pessoas na medida em que ficam mais velhas, atuando na prevenção e orientação de saúde e de vulnerabilidades sociais, de modo a minimizar futuros gastos elevados aos cofres públicos, principalmente na área da saúde.

Os centros de convivência para idosos, assim como os grupos de terceira idade, são exemplos de serviços e iniciativas voltadas para idosos ativos e que atualmente tornaram-se projetos específicos das pastas da assistência social e da saúde nos governos municipais e estaduais. Esse modelo de atendimento surgiu no Brasil na década de 60, o que segundo FERRIGNO (2009), foi uma iniciativa do Serviço Social do Comércio de São Paulo (SESC SP), com a proposta de favorecer a convivência, o estímulo das redes de suporte social e da afetividade na velhice, contribuindo com a criação de espaços que fomentem novos conhecimentos, troca de experiências e a elaboração de novos projetos de vida. De acordo com o autor, os grupos de convivência respondem à necessidade básica do ser humano em qualquer fase da vida, de se sentir pertencendo a uma determinada geração.

MONTEIRO (2003) conceitua que a relação humana está baseada em significações que surgem a partir de sua experiência pessoal com o outro, e é no espaço da convivência que se constitui o modo de ser de cada um, acreditando então, que não existimos e sim co-existimos, não vivemos, mas con-vivemos.

Os grupos de terceira idade se popularizaram ao longo desses anos, promovendo encontros em salões de igrejas ou em instituições sociais e de saúde, agregando idosos ativos em diversas práticas: artísticas, físicas, educativas, de orientação à saúde, entre outras propostas com o objetivo de reforçarem seus vínculos e ocuparem o tempo livre de forma prazerosa. Nos últimos anos, os centros de convivência e os grupos de terceira idade, além de contribuírem com uma melhor qualidade de vida em diversos aspectos da velhice, foram também motivos para grandes conquistas de direitos através de manifestações e de lutas por melhores condições. A

partir dos movimentos de idosos foram estruturados os conselhos, fóruns e conferências que são estruturas formais para garantir a participação social de idosos em conjunto com as gestões públicas, de modo a contribuir com a estruturação de novas leis e garantir a efetivação de seus direitos.

Os centros de convivência e os grupos de idosos favoreceram a articulação deste segmento em prol de novas conquistas, porém também contribuiu com o afastamento dos idosos das demais gerações, muitas vezes segregando e comprometendo sua articulação nos assuntos da contemporaneidade.

Segundo Sommerhalder e Nogueira (*apud* LOPES, 2008), as diferenças entre os padrões culturais e sociais de cada geração são a principal fonte dos conflitos, especialmente na sociedade atual – palco de transformações diversas que ocorrem num ritmo acelerado. LOPES (2008) conceitua que os idosos são importantes para as demais gerações como portadores do saber e conhecimentos adquiridos ao longo da vida, representando ainda laços com o passado e a continuidade da comunidade em que pertencem.

Diversos fatores interferiram na relação cotidiana do idoso com as demais gerações que, segundo FERRIGNO (2011), são ocasionados pela normatização do comportamento esperado para cada geração, o consumismo, a mercantilização das relações sociais, a exacerbação das qualidades da juventude e o desprezo pelas tradições culturais, típicos do ideário capitalista que afastam os velhos dos jovens.

Uma das perspectivas atuais para o modelo de centro de convivência é o de propor uma prática através de suas oficinas, que estimule a emancipação das influências culturais que norteiam a velhice, contribuindo para que os idosos interajam com os temas da contemporaneidade estimulando a relação intergeracional em sua vida cotidiana de forma direta ou indireta, favorecendo sua melhor articulação social. CEVASCO (2003) define que a arte e a prática cultural produzem significados e valores que entram ativamente na vida social moldando seus rumos, ou seja, o processo artístico pode oportunizar a reflexão sobre os aspectos culturais que norteiam velhice e ser uma das alternativas para a sua desmistificação.

Por meio da expressão artística, os idosos podem vivenciar um processo de releitura através de seu repertório pessoal, suas memórias e histórias, concomitante às

novas concepções culturais, que podem promover, mesmo que indiretamente, uma aproximação com as demais faixas etárias, considerando que mediante a essa experiência, agregam-se valores de novas perspectivas por meio da reflexão e da crítica, que poderiam ser refletidos de forma superficial antes dessa experiência, a após agregar os valores da experiência empírica são tratados com muito mais propriedade, com significado.

1.2 Educação pela emancipação

De acordo com OMS (2005), autonomia é a capacidade de escolha, a habilidade de controlar, lidar e tomar decisões pessoais sobre como se deve viver diariamente, de acordo com suas próprias regras e preferências, fator que é extremamente relevante para uma velhice ativa. Na saúde, a autonomia muitas vezes está associada à independência, que é a capacidade de realizar as atividades sozinho, sem auxílio de uma pessoa ou de algum dispositivo; conceito que na gerontologia está relacionado à função, à capacidade de produção na execução de tarefas. Porém a autonomia não está apenas atrelada às funções cognitivas, mas também às questões sociais, quando aprofundamos nossa reflexão sobre o contexto social em que o idoso está inserido, principalmente no período pós-aposentadoria, em que estão mais expostos às opressões que desqualificam sua participação social ativa por meio de incentivos oriundos de pensamentos fundamentados em torno da valorização da produção de capital e consumo. O isolamento e a ausência de projetos de vida são fatores que o expõe o idoso a vulnerabilidades.

SPOSATI (2009) considera que a vulnerabilidade está relacionada à um agravamento na forma de ocorrência do que a autora define como “risco social”, que indica uma predisposição à precarização, vitimização e agressão, assim como na ausência de direitos. Nesse caso, as vulnerabilidades estão correlacionadas às oportunidades que surgem ao longo da vida, considerando o grupo social em que se enquadra em seus diferentes aspectos, sejam biológicos, psicológicos ou sociais, que na velhice tornam-se negligenciadas, sejam pelos preconceitos presentes de ordem cultural, ou pela carência de políticas que tenham a atenção específica para essa minoria a fim de contemplar uma sociedade com equidade de direitos.

O conceito de minoria não está relacionado às questões quantitativas, ou seja, uma minoria não é um grupo de menor representatividade numérica, e sim, a sua relação de poder dentro de uma determinada sociedade; fator conhecido como a hegemonia da representatividade. GHIRALDELLI JR. (2013) conceitua que, para os grupos minoritários, devem existir mais leis, uma vez que nem sempre a população como um todo tolera e respeita os chamados direitos das minorias. Os idosos são minoria justamente por não ter seus direitos assegurados, ou mesmo quando esses existem ainda são frágeis, pela falta de conhecimento do idoso ou descrença no cumprimento destes por parte da sociedade. Por não haver uma representatividade hegemônica e muitas vezes terem seus direitos violados enquanto cidadãos, os idosos não conseguem exercer livremente sua autonomia e independência.

Os centros de convivência são serviços para idosos que precisam ter o compromisso em contribuir com a ressignificação da velhice através da elaboração de novas perspectivas de vida, na participação social e política em prol das garantias de direitos, e na relevância ao favorecer a articulação do idoso com as demais gerações, tornando-os sensíveis e tolerantes às especificidades dessas realidades. Intrínseco à essas responsabilidades, está o processo educativo que entendo como uma das principais bases para que seus objetivos sejam alcançados com êxito.

Ao longo da vida acontecem inúmeras oportunidades de educação, sejam elas formais, não-formais ou informais, que constituem com outros aspectos relevantes, a formação da nossa identidade, na descoberta do novo, que contribuem com nosso desenvolvimento sociocultural. Nesses processos educativos aos quais estivemos expostos ao longo da vida, quais deles formaram em nós a consciência daquilo que realmente queremos ou necessitamos? Quais deles nos deram a possibilidade de argumentar e, a partir daí, conduzirmo-nos à autonomia para seguir os caminhos que de fato queremos? Partindo das reflexões propostas neste texto sobre as opressões acerca da velhice, entendo que os centros de convivência, através de suas propostas de atividades, podem contribuir com o estímulo à autonomia do idoso e, com isso, sua emancipação.

O processo educativo muito além do mero ensino de competências, o saber fazer, precisa ser permeado pelo compromisso com a autonomia do educando,

oferecendo recursos para que possam, além de incluí-lo socialmente, reconstruir o sentido de sua existência através da ressignificação e da inquietação em prol de mudanças sociais. De acordo com FREIRE (2010), saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Esse é o maior desafio para os profissionais que atuam com idosos: pensar numa metodologia que valorize suas experiências e que corroborem com o contexto social em que estão inseridos. A partir dessa identificação e da aproximação do tema no processo educativo é que se faz necessário uma abordagem que provoque sua curiosidade.

De acordo com FREIRE (2010), não haveria criatividade sem curiosidade, pois é ela que move os educandos ao novo, que os torna impacientes diante de algo que não fizeram, motivando-os a acrescentar, transformando sua realidade.

Considerando os mitos da velhice, principalmente atuando na motivação dos idosos em aprender coisas novas, é a curiosidade que os move nesse processo educativo, incentivando-os a buscar incessantemente e a superar suas expectativas, a descobrirem-se.

> A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. (FREIRE, 2010).

Através desse processo de busca pelo conhecimento e da participação ativa do educando durante todo o processo, partindo da curiosidade e das descobertas realizadas é que a autonomia é estimulada.

Na busca incessante do conhecimento que é capaz de potencializá-los, apresentando opções para escolhas de alternativas e na contribuição do aprofundamento reflexivo através das inquietações e na busca em promover novos olhares.

Outro aspecto interessante conceituado por Paulo Freire é a ideia do ser inacabado, partindo do pressuposto da educação como formadora do ser humano, e que

o ser humano está historicamente em construção, do ponto de vista do conhecimento e da ética, pode-se dizer que está inacabado e por conta disso reforça sua não conformação com tal condicionamento histórico. De acordo com o autor:

> Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente. A invenção da existência a partir dos materiais que a vida oferecia levou homens e mulheres a promover o *suporte* em que os outros animais continuam, *em mundo*. Seu mundo, mundo dos homens e das mulheres. A experiência humana no *mundo* muda de qualidade com relação à vida animal no *suporte*. (FREIRE, 2010).

Nas experiências ao longo da vida é que se amplia a capacidade de interagir com o mundo e, com isso, reforçar a característica humana de autoconstruir e se construir historicamente o desejo de ser mais, que implica na superação daquilo que se é.

A compreensão do ser inacabado é muito importante no processo educativo com os idosos, considerando que partindo do pressuposto cultural que reforça a ideia de incapacidade e improdutividade na velhice, estimulam-se novas perspectivas de vida através desse processo. A valorização de suas experiências e as possibilidades de superá-las ou reconstruí-las.

Acredito que o processo educativo contribui com empoderamento dos idosos, partindo de pressupostos para uma educação pela autonomia, no qual a emancipação parte através do questionamento sobre sua realidade e da revisão de ideologias opressoras da velhice por meio da participação social ativa, exercendo sua liberdade individual e sua livre escolha.

ATO 2: O TEATRO E O TEATRO EDUCAÇÃO

Por que nos preocupamos com arte? Para cruzar fronteiras, vencer limitações, preencher o nosso vazio – para nos realizar.

GROTOWSKI (1992)

Superação talvez seja uma das palavras que podem representar o sentido da arte na vida, sejam nas artes visuais, na música, dança ou teatro. O fazer artístico é um processo de busca incessável do novo, do desafio em materializar ou tornar sensível o abstrato, sejam eles pensamentos, sentimentos ou memórias.

Partindo da reflexão de Grotowski, uma das principais referências do teatro do século XX, considero que a arte nos permite cruzar fronteiras e vencer limitações, ou seja, o potencial para seguirmos muito além do que consideramos nossos limites, a fim de descobrirmos e re-descobrirmos as novas possibilidades de atuação no mundo, preenchendo as lacunas existentes, sejam elas socioculturais ou subjetivas, criando oportunidades de reflexão sobre o contexto social em que estamos inseridos e despontarmos novas perspectivas de vida. Para o autor:

> Não se trata de uma condição, mas de um processo através do qual o que é obscuro em nós torna-se paulatinamente claro. Nesta luta com a nossa verdade interior, neste esforço em rasgar a máscara da vida, o teatro, com sua extraordinária perceptibilidade, sempre me pareceu um lugar de provocação. É capaz de desafiar o próprio público, violando estereótipos convencionais de visão, sentimento de julgamento – de forma mais dissonante, porque é sensibilizada pela respiração do organismo humano, pelo corpo e pelos impulsos interiores. (GROTOWSKI, 1992).

Nos primórdios, o teatro era uma manifestação do povo, com cantos e danças espontâneas ao ar livre, o povo era o criador e o destinatário do espetáculo teatral, era uma festa que todos podiam participar.

Com o predomínio aristocrático, o teatro começou a assumir novas divisões, como a criação e a restrição proveniente do palco, que era acessível somente para algumas pessoas – os atores, enquanto as outras permaneceriam sentadas e passivas – os expectadores. E para que a ideologia dominante pudesse refletir de forma eficiente no espetáculo, a aristocracia criou outras novas divisões, como os protagonistas que eram aristocratas e o coro, que simbolizava o povo e que reproduzia o ideário político (BOAL, 2013).

A arte imita a natureza.

Aristóteles (384 a.C – 322 d.C)

Partindo da reflexão proposta por Aristóteles, Boal explica que o filósofo utiliza em sua afirmação o termo *imitar* que no latim *mimesis* tem o sentido de recriação, que condiz com a ideia de que "arte recria o princípio criador das coisas criadas", ou seja, a essência intrínseca em todas as coisas. De acordo com o autor, o sentido desta ideia é o de recriar o movimento interno das coisas que se dirigem à perfeição, imitar um modelo que não existe. O filósofo defendia a ideia de que a *natureza* não é o conjunto das coisas criadas, e sim o princípio criador de todas as coisas; Aristóteles acreditava que os artistas deviam imitar como os homens deveriam ser e não como são resgatando assim o sentido da sua perfeição.

Baseado nessa ideia, no Teatro, uma das linguagens artísticas no qual Aristóteles se dedicou, criou um *sistema trágico coercitivo*, com intuito de gerar um sistema intimidatório que determinasse os padrões que deveriam ser seguidos pela sociedade, através da empatia que se estabelece entre a relação do espectador com o personagem.

Este sistema propõe quatro etapas: *o estímulo da harmatia*, entendendo harmatia como uma impureza do personagem que irá submetê-lo à desgraça; *a anagnorísis* através da relação empática, em que o espectador reconhece seu próprio erro; *a catástrofe* no qual o personagem sofre a consequência pelo seu próprio erro e *a catarse* que finaliza o enredo com purificação da harmatia com espectador aterrorizado pelo espetáculo da catástrofe.

Boal conceitua que para esse sistema proposto por Aristóteles, é fundamental a atenção para três aspectos:

1. Que haja o conflito entre o *éthos*[1] do personagem e o *éthos* da sociedade, criando assim o atrito;

2. Que exista a empatia que permita que o personagem conduza o espectador através de sua experiência;

[1] Éthos, termo utilizado por Aristóteles para definir a ação e a razão (pensamento) presente na ação do personagem. (BOAL, 2013).

3. Que o espectador esteja exposto ao golpe do destino (ação da peça), reconheça seu erro e se purifique de sua característica antissocial.

O sistema descrito é uma característica específica do teatro grego proposto por Aristóteles, mas que é utilizado até os dias de hoje com modificações determinadas pelas novas sociedades.

Em oposição ao sistema intimidador do filósofo, BOAL (1980) se dedica a uma nova proposta de teatro, o teatro do oprimido, fundamentada numa prática intensa que conta com um arsenal de técnicas que facilitem a utilização de determinados aspectos da linguagem teatral como arma de liberação a serviço dos oprimidos.

> O teatro é arma muito eficiente. Por isso, as classes dominantes tentam se apropriar do teatro para utilizá-lo como um instrumento de dominação. Mas, o teatro pode igualmente ser uma arma de liberação. (BOAL, 2013).

O teatro do oprimido como método tem o objetivo de trabalhar com as minorias os temas próximos da realidade dessa classe, propondo uma reflexão sobre as relações de poder existentes na sociedade que os oprimem, assim como nas relações de poder presentes nas próprias minorias que se dão nas relações entre os indivíduos. De acordo com Boal:

> Um operário, ao contrário, no interior de sua família pode ser o opressor de sua mulher e de seus filhos. Mas o conjunto de suas atividades sociais estará sempre marcado prioritariamente por sua condição de operário, de oprimido. (BOAL, 1980).

Neste contexto, o teatro torna-se um importante meio de reflexão dos aspectos socioculturais através do seu questionamento e considerações que podem gerar a ressignificação da vida em seus participantes, considerando que na vivência ele estará imerso em um processo artístico que favoreça uma maior proximidade sobre suas condições sociais possibilitando-o a assumir novos papéis mediante seu processo

criativo e sobre sua atuação social, dentro de um contexto político com base nas relações de poder.

Na prática teatral, todo invólucro dos aspectos biopsicossociais no qual estamos inseridos são indissociáveis do processo artístico, presentes desde a preparação do ator na construção do personagem num processo intenso de autoconhecimento, na sua relação com o diretor e o grupo e na relação estabelecida entre ator e o público no espetáculo.

Sobre o processo artístico do ator, GROTOWSKI (1992) considera relevante a relação estabelecida entre o ator e o diretor, que juntos visam explorar o máximo de possibilidades no processo criativo, que deve ser regado de observação, pela perplexidade e pelo desejo de ajudar, pois o desenvolvimento de um reflete no outro, e no desenvolvimento de ambos, acontece a revelação. O diretor não tem o papel de instruir o aluno, e sim de abrir-se completamente para outra pessoa, para um "nascimento duplo e partilhado".

O autor defende ainda a autonomia da interpretação literária no teatro, sejam nas posições de diretor ou ator, no qual compreende que os textos clássicos dão a possibilidade de um confronto sincero, de um lado com as crenças e as experiências de vida de uma geração anterior, e do outro com as experiências e preconceitos contemporâneos, estabelecendo assim uma relação entre os contextos socioculturais do passado e os atuais.

Por esta ótica, entendo que a autonomia do ator é despertada por um processo criativo que dialogue com suas especificidades e contribua com um processo protagonista na descoberta de seus modos de fazer, constituindo assim novas possibilidades artísticas, o que corrobora com o pensamento de Aristóteles quando remete à arte como a busca da essência intrínseca de todas as coisas, assim como na autonomia através do questionamento e a oportunidade de ressignificação proposta por Boal.

O processo artístico não é algo solitário, é um processo permeado de descobertas e construções conjuntas, em que um cede seus anseios ao outro e juntos traçam novas perspectivas no fazer. Para Grotowski:

> O ator renasce – não somente como ator, mas como homem – e com ele, renasço eu. É uma maneira estranha de se dizer, mas o que se verifica, realmente, é a total aceitação de um ser humano por outro. (GROTOWSKI, 1992).

É um processo que requer humildade e doação. A humildade é fundamental para permitir-se a percorrer novos caminhos e desenvolver a empatia para compreender a diversidade de possibilidades, sejam elas no âmbito físico, cultural ou social na construção do personagem. A doação é também um aspecto muito relevante nesse processo, considerando que é através desse ato que compartilham experiências e descobertas, tornando as criações subjetivas como possibilidades de novos pontos de partida para a construção coletiva.

Sobre a questão do trabalho coletivo, o autor refere-se ainda que teatro é um encontro entre pessoas criativas que resulta num fascínio que implica uma luta entre as diferenças e as semelhanças, na busca de uma identidade comum entre aqueles que participam do grupo, o confronto entre diferentes realidades e que resultam numa nova experiência que dialoga com a essência criadora.

Por este motivo, a preparação do ator através dos encontros grupais, seja em oficinas, laboratórios ou ensaios, é fundamental para uma prática teatral permeada por um processo rico de autoconhecimento, descobertas e trocas que extrapolam o repertório pré-concebido, contribuindo para novas possibilidades de atuação.

As três condições básicas do ator para a arte de representar, de acordo com Grotowski são, primeiramente, estimular um processo de auto-revelação, recuando até o subconsciente e canalizando esse estímulo para obter a reação necessária; em segundo lugar, considera a capacidade de articular esse processo, discipliná-lo e convertê-lo em gestos. Em termos concretos, isto significa compor uma partitura, cujas notas sejam minúsculos pontos de contato, reações ao estímulo do mundo exterior, o que chamamos de “dar e tomar”; e por último, o autor conceitua eliminar do processo criativo as resistências e os obstáculos causados pelo organismo de cada um, tanto o físico quanto o psíquico (os dois formando um todo).

Para alcançar essa individualidade, não se faz necessário o aprendizado de coisas novas e sim a eliminação de hábitos antigos que o aprisionam e o mantém em estado de conforto. É importante proporcionar meios para que o ator permita-se a usufruir e experimentar da liberdade, tornando objeto de suas preocupações as leis que o aprisionam, potencializando-o assim em seu processo criativo.

BARBA e SAVARESE (2012) defendem que o trabalho do ator é o resultado de três aspectos relativos a três diferentes níveis de organização:

> 1. A personalidade do ator, entendida como sua sensibilidade, sua inteligência artística, sua pessoa social, características que o tornam único e irrepetível;
>
> 2. As particularidades das tradições e do contexto histórico-cultural através do qual a irrepetível personalidade de um ator se manifesta;
>
> 3. A utilização da fisiologia segundo técnicas do corpo extracotidianas. Nessas técnicas, encontram-se princípios recorrentes e transculturais. Esses princípios constituem o que a antropologia teatral define como o campo da pré-expressividade. (BARBA e SAVARESE, 2012).

Para os autores, o processo criativo do ator perpassa pelos aspectos subjetivos, que são considerados desde suas características pessoais ao contexto sociocultural em que está inserido, e a partir das técnicas corporais extracotidianas aplicados a fatores fisiológicos (peso, equilíbrio, posição da coluna vertebral, direção do olhar, etc) que interferem diretamente a favor de sua presença cênica e seu dinamismo, através das tensões orgânicas pré-expressivas produzidas, que geram uma nova qualidade de energia tornando seu corpo teatralmente "decidido", atraindo a atenção do espectador antes mesmo de qualquer expressão corporal.

A partir dessa reflexão e da correlação entre os autores, entendo que o processo artístico no teatro é um instrumento facilitador também para que a experiência de envelhecer seja emancipada, por se tratar de uma oportunidade que perpassa por vivências intensas, repletas de momentos de reflexão e descobertas proporcionadas pelas relações desenvolvidas entre o diretor, atores e público na vivência artística, em que o participante é imerso num processo intenso de autoconhecimento que favorece a

produção de contextos emancipatórios que potencializam o idoso através do estímulo de sua autonomia.

2.1 Teatro educação e idosos: o processo

> *O teatro é forma de comunicação entre os homens; as formas teatrais não se desenvolvem de maneira autônoma, mas antes respondem sempre as necessidades sociais bem determinadas e a momentos precisos.*
>
> *BOAL (1982)*

A oficina de teatro é uma das atividades artísticas propostas em centros de convivência e grupos de terceira idade que desperta o interesse dos participantes por se tratar de uma linguagem que proporciona a oportunidade de adquirir novos conhecimentos através do fazer, considerando em sua prática o conhecimento técnico e a experimentação teatral.

Por meio dessas oportunidades do fazer artístico que muitos vínculos afetivos podem ser estimulados através da cumplicidade promovida entre os componentes do grupo, por se tratar de um trabalho de construção coletiva em que os diferentes saberes agregam-se para formarem o todo, o espetáculo teatral.

Segundo SPOLIN (1963), a prática teatral é a experiência grupal que estimula pessoas com capacidades diferentes a expressarem-se simultaneamente enquanto desenvolvem habilidades e criatividades individuais.

No trabalho coletivo, as especificidades variam de pessoa para pessoa, podendo ocorrer no mesmo grupo diferentes atenções às necessidades, tais como física, sensorial, mental, social e cultural. O desafio dessa atividade em grupos de idosos é pensar em uma metodologia para uma prática teatral que seja inclusiva, que estimule a independência e a autonomia, considerando as especificidades existentes em cada grupo, promovendo adaptações e atividades que permitam que todos possam ser protagonistas de suas ações no processo de construção, da relação entre as ideias

pessoais e coletivas, da importância de sua participação no processo criativo, focando na prática teatral fundamentada e contextualizada, fomentando o autoconhecimento permeado de reflexões sobre os mitos que norteiam a velhice e de ressignificação.

É relevante que a prática teatral esteja alinhada com os conceitos contemporâneos de arte educação, que estimulem a aproximação do educando com as linguagens da arte favorecendo novas leituras, conceitos e técnicas, proporcionando a *poiesis*, no qual a vivência é permeada pelo conteúdo (sentido) e expressão (realização), fatores fundamentais para um processo artístico criativo.

Dentre os conceitos contemporâneos em arte educação, podemos considerar a abordagem "contextualista" como uma possibilidade do ensino de teatro para idosos. Segundo EISNER (1972), a arte e seus instrumentos e a educação perpassam pelas relações pessoais e sociais do indivíduo, isto é, por meio da criação, experimentação e vivência da arte podemos re-descobrir nossa atuação no mundo.

Estes são conceitos iniciais para entender a importância do teatro educação no processo criativo artístico e social do idoso, considerando a sua realidade pessoal, a sua relação e atuação na sociedade, a cultura em que ele está inserido e a oportunidade de ressignificação da vida a partir da desmitificação da velhice e da descoberta de novos meios de produção, atuação social e elaboração de projetos de vida.

Para BOAL (1982) a alfabetização teatral é necessária, porque é uma forma de comunicação muito poderosa e útil nas transformações sociais. De acordo com o autor, ela não deve ser restringida aos profissionais e defende ainda que não há idade para começar a fazer teatro, sendo oportuno iniciá-lo quando sentir vontade.

A relação entre a abordagem de Eisner na arte educação, assim como a concepção de Freire na pedagogia pela autonomia, corroboram com a proposta do teatro educação, partindo de uma reflexão sobre o domínio que os profissionais habilitados nessa área devem ter ao conhecer ou re-conhecer as especificidades do público em que atuam, considerando seu território, suas crenças, costumes e a cultura em que está inserido, entendendo esta, muito além das ideias intrínsecas nos discursos massificados, e sim como um modo de produção de significados e valores da sociedade que interferem diretamente no processo criativo, focando em meios que estimulem as novas produções sociais e intelectuais, que sejam oriundas de suas vontades e

necessidades e possam torná-lo agente protagonista de suas escolhas (CEVASCO, 2003).

No teatro esta proposta se aplica através dos exercícios de expressão corporal que contribuem com a autopercepção e a experimentação da relação do corpo no espaço, nos jogos teatrais através da resolução de problemas, improvisações livres e direcionadas com estratégias de criação do personagem e noções básicas de teatro, na elaboração de textos, roteiros com um aprofundamento no processo de criação de personagens e de experimentações de novos conceitos culturais e realidades diversificadas, assim como na pesquisa pessoal de reminiscências que contribuam para esse processo artístico.

2.2 O processo artístico: o caminho para o autoconhecimento

> *O teatro é o estado, o lugar, o ponto onde é possível compreender a anatomia humana e através dela dirigir a vida.*
> *ARTAUD (apud BARBA e SAVARESI, 2012)*

O movimento está presente o tempo todo em nossa vida e é através dele que utilizamos o corpo em prol das necessidades básicas para a sobrevivência. Apesar de acumularmos um vasto repertório de movimentos corporais ao longo da trajetória, muitos deles tornam-se automatizados, ou seja, não percebemos o esforço gerado pelo corpo ao nos movimentarmos, assim como não nos atentamos a todo o conjunto estrutural que se move ao realizarmos uma ação, por menor que ela seja. Esse automatismo é o que limita nossa consciência sobre a percepção corporal, restringindo-nos a um repertório pré-concebido, automatizado, afastando-nos das possibilidades de novos movimentos que poderíamos expressar cotidianamente.

A expressão corporal no processo teatral tem um papel fundamental para reconhecimento do corpo. Partindo da exploração de sua imagem, funcionalidade e de sua percepção enquanto construção sociocultural, submetendo o idoso a um processo de autoconhecimento e de possibilidades criativas ao projetar-se e movimentar-se no espaço, por meio do contato de sua história e da criação de novos repertórios,

promovendo leituras e releituras de sua imagem corporal e a oportunidade de ressignificação de seus gestos.

Segundo NEIRA e NUNES (2007), ao se movimentar, as pessoas expressam intencionalidades, comunicam e veiculam modos de ser, de pensar e de agir característicos, culturalmente impressos em seus corpos, considerando o corpo como um suporte textual e que se inscrevem a história e a trajetória dos homens e da cultura.

Para GREINER (2006), a cultura e o corpo sofrem uma "contaminação" simultânea entre os dois sistemas sígnicos, em que ambos trocam informações de modo a evoluir em processo, juntos, apresentando diferentes soluções adaptativas para situações. O corpo, enquanto constructo sociocultural está em constantes transformações, que são resultados dos meios de sua utilização nas atividades cotidianas e também como consequência das transformações sociais e culturais em que estamos envolvidos.

Com uma análise específica sobre a importância do corpo no teatro, BARBA (2012), conceitua que é utilizado de maneira substancialmente diferente na vida cotidiana e nas situações de representação; a técnica do corpo está condicionada pela cultura, estado social e pelo ofício, por isso que em situação de representação se faz necessário essa pesquisa, para uma reconstrução dos gestos e seus significados. Por este motivo, as atividades propostas pelos exercícios de expressão corporal contribuem para a reconstrução dessa imagem corpórea, de modo a conhecermos as potencialidades e os limites que podem ser superados ou compreendidos como uma especificidade, que constituem nossas características pessoais.

A expressão corporal realizada no processo teatral é uma oportunidade de desconstrução e recriação do movimento, do gesto, que se desdobram nos recursos criativos que constituem os jogos teatrais e o processo de construção de personagens. Para Greiner:

> O corpo muda de estado cada vez que percebe o mundo. E o corpo do artista é aquele em que aquilo que ocorre ocasionalmente como desestabilizador de todos os outros corpos (acionando o sistema límbico) vai perdurar. Não porque ganhará permanência neste estado, o que seria uma impossibilidade, uma

> vez que sacrificaria a sua própria sobrevivência. Mas o motivo mais importante é que desta experiência, necessariamente arrebatadora, nascem as metáforas imediatas e complexas, que serão por sua vez, operadores de outras experiências sucessivas, prontas para desestabilizar outros contextos (corpos e ambientes) mapeados instantaneamente de modo que o risco tornar-se-á inevitavelmente presente. Não à toa o sexo, a morte, o humor, a violência e todo o tipo de emoção estão presentes durante estas experiências artístico-existenciais. (GREINER, 2006)

A relação entre as memórias corporais e a emoção, dentro de um contexto específico que favoreça a expressão corporal, é essencial para a releitura dos movimentos, partindo de suas experiências e aprofundando-as à novas oportunidades; e por meio disso, extrapolar os limites culturais, permitindo-se a percorrer por novas percepções sinestésicas que influenciarão diretamente na condução e relação do corpo com o espaço.

Neste processo de construção é evidente a revisão conceitual sobre a relação do nosso corpo na sociedade, da mecanicidade presente em nossos movimentos que são na maioria das vezes ritualizados por meio de tarefas corriqueiras do cotidiano. Por este motivo, é relevante para o fazer artístico a oportunidade de ressignificação do movimento, partindo de sua experimentação na busca de novas possibilidades através da expressão corporal, tornando-se um aquecimento criativo para as demais etapas do fazer teatral, através do reconhecimento do seu corpo e sua relação com o espaço. Posterior a esse processo, os jogos teatrais podem ser um meio de aprofundamento na perspectiva do movimento, com propostas de atividades importantes para estimular a criatividade através da resolução de problemas.

Os jogos teatrais contribuem com o reconhecimento do corpo e da sua utilização no movimento relacionado aos desafios propostos, que no teatro exerce um papel fundamental para expressar os sentimentos e as intenções que fazem parte do contexto cênico, no desenvolvimento de descobertas em grupo, oportunizando a troca de conhecimentos e o aprendizado mútuo.

KOUDELA (2008) considera que nos jogos teatrais, através do processo de construção da forma estética, os participantes estabelecem com seus pares uma relação

de trabalho em que a fonte de imaginação criadora, o jogo simbólico, que é combinada com a prática e a consciência da regra do jogo, a qual interfere no exercício artístico coletivo.

Os jogos teatrais são atividades que vão oportunizar a *experiência viva do teatro,* é penetrar no ambiente, envolver-se total e organicamente com ele, ou seja, em todos os níveis: intelectual, físico e intuitivo (SPOLIN, 1963); são exercícios com estrutura de orientação denominada "onde, quem e o que", concentrados na resolução de problemas para a criação de cenas improvisadas, em busca da espontaneidade. Para SPOLIN (1963) a espontaneidade é um momento de liberdade pessoal quando estamos frente a frente com a realidade que vemos, a exploramos e agimos em conformidade com ela.

A espontaneidade é um dos principais objetivos desse processo artístico, pois é através dela que nos expressamos livremente, sem os pré-conceitos e racionalizações; acontece no momento que nos entregamos à proposta dos jogos teatrais para nos libertar das referências estáticas e de senso comum que utilizamos automaticamente no cotidiano, das ideias pré-concebidas e que limitam nossa intuição; é permitir-se vivenciar o novo, o desconhecido e entregar-se ao processo criativo. De acordo com SPOLIN (1963), o intuitivo só pode responder ao imediato, envolvendo-nos com o mundo à nossa volta que está em constante transformação. Segundo a autora, são sete os principais aspectos da espontaneidade que são relevantes para a prática teatral: jogos, aprovação e desaprovação, expressão do grupo, plateia, técnicas teatrais, transposição do processo de aprendizagem para a vida diária e a fisicalização.

Perpassando pelos sete aspectos da espontaneidade mencionados por Spolin, considero:

- Os *jogos* são fundamentais para o estímulo da espontaneidade, com o foco na criatividade e na resolução de problemas, atuando diretamente na inventividade e ingenuidade do participante, pois durante o jogo o participante é livre para alcançar seu objetivo, desde que siga as regras estabelecidas, e seja estimulado continuamente para que transcenda a si mesmo, a fim de explorar e penetrar no ambiente de modo completo e sem restrições pessoais.

- A *aprovação e desaprovação* são importantes para o amadurecimento e autoconfiança do participante, pois para jogarmos temos que nos sentir livres, seguros. Vivemos cotidianamente sendo julgados e criamos estratégias inconscientes de nos protegermos das desaprovações, ou seja, por vezes condicionamos nossas expressões nos parâmetros do outro, limitando dessa forma nossa liberdade. No teatro, a relação entre o arte educador e o educando também perpassa pelo julgamento, na preocupação do "fazer certo" e do "o que o outro está achando". A relação estabelecida entre o arte educador e os educandos, e vice e versa, deve-se constituir num ambiente que permita igualdade na relação, de modo a dissipar o autoritarismo presente e muitas vezes intrínseco no processo educativo.

- O teatro é a expressão de um grupo artístico, que exige o talento e a energia de muitas pessoas (SPOLIN, 1963). A *expressão de grupo* é parte de um relacionamento saudável com pessoas trabalhando interdependentemente para completar um projeto, num processo onde as diferenças e similaridades no grupo são aceitas, de modo a não induzir conformidades, mas ser um elemento propulsor da ação. O desafio do arte educador é justamente esse, respeitar a capacidade imediata de participação de cada educando, dentro dos seus potenciais e limitações, isto é, desenvolver o participante a partir da sua própria perspectiva.

- A *plateia* também é um aspecto importante, pois é a partir dela que as experiências são compartilhadas. Por isso a plateia não pode ser negada, ignorada, e sim tida como parte orgânica da experiência teatral. No processo artístico, fazer parte da plateia é também relevante, considerando que é através da observação e do diálogo atribuído com o ator que está em cena, que temos a oportunidade de aprender e agregarmos novas percepções.

- As *técnicas teatrais* não são como um ritual e não podem estar separadas da experiência. Para Spolin, é através da consciência e dinâmica de uma experiência de atuação que a experimentação e as técnicas são espontaneamente unidas, que libertam o aluno para o comportamento fluente no palco, dominando o espaço.

- O que aprendemos no teatro levamos para a vida através da experiência na interpretação e do processo permeado de descobertas. No teatro, trabalhamos

intensamente com a capacidade sensorial e nos libertamos dos preconceitos, interpretações e suposições entregando-nos livremente para a experimentação. Essa experiência auxilia para a *transposição do processo de aprendizagem para a vida diária*, ou seja, a vivência e tudo o que ela nos provocou são levados à nossa vida cotidiana, gerando as possibilidades de transformações e ressignificações.

- A *fisicalização* é o aspecto da espontaneidade que parte do estímulo à autopercepção e do conjunto que envolve o processo artístico, que perpassa da preparação do corpo à expressão de um mundo físico, da relação entre o corpo físico com o espaço, que transcende aos objetos físicos em si. É aquela percepção do "mais que os olhos podem ver", a comunicação expressa através da linguagem física do palco e todo seu contexto.

Este processo de criação, baseado no estímulo da espontaneidade é permeado por momentos de construção e reconstrução, em que permitimos vivenciar novas possibilidades de atuação, num processo contínuo de leituras e releituras de conceitos e pré-conceitos, que partem do fazer artístico e que interferem diretamente no ponto de vista do participante, em sua perspectiva cotidiana. As improvisações têm esse objetivo, pois a partir da construção do personagem, do desenvolvimento de um tema em cena sem uma preparação prévia, é que nos expomos para pensar e experimentar o novo, muitas vezes de um ponto de vista do qual não estamos prontos para dialogar. Na improvisação temos que lidar rapidamente com uma situação, afinal há outros participantes envolvidos e não sabemos como o outro responderá a nossa ação. Portanto, estamos expostos às resultantes típicas da ausência de controle. Assim, buscamos uma solução que pode se aproximar da realidade ou se afastar frontalmente dela, exigindo então uma maior sensibilidade para darmos vazão à criatividade.

De acordo com STANISLAVSKI (2004), a criatividade tende a ser um processo contínuo e as improvisações que os aprendizes desenvolvem por si próprio é uma forma excelente de desenvolver a imaginação.

As improvisações podem ser cenas com temas propostos pelos próprios participantes, muitas vezes embasados em suas realidades cotidianas ou acontecimentos da atualidade, ou ainda cenas com temas propostos pelo arte educador ou coletivamente pelo grupo, permitindo que os aprendizes possam percorrer por um novo território

estimulados pela reflexão e releituras, assumindo novos papéis ou posicionamentos, estimulados ao gesto espontâneo.

Por meio desse processo preparatório, o grupo pode encontrar temas de interesses comuns que poderá dar origem a um espetáculo teatral com uma criação coletiva, ou ainda ser trabalhado um texto com adaptações que convirjam com suas expectativas oriundas das etapas anteriores do processo teatral.

Considero relevantes as possibilidades que esse processo artístico pode proporcionar aos idosos, através do autoconhecimento e das oportunidades de ressignificação, seja por meio da relação do corpo com o espaço, no reinventar dos movimentos, ou das novas perspectivas na resolução de problemas e aprofundamento de temas cotidianos que contribuem com a revisão de conceitos, pré-conceitos e preconceitos.

Desse modo defendo que este seja um caminho a ser traçado para a promoção de uma melhor qualidade de vida na velhice através da emancipação de idosos. Em outras palavras, alinho-me à premissa de que o processo artístico reforça a ideia positiva de velhice em nossa cultura. Ao atuar, o idoso se torna protagonista em suas ações, desde que inserido em um processo no qual se priorizem metodologias que estimulem sua autonomia e o potencializem atitudes, ao possibilitar a desconstrução de mitos ou estereótipos que desfavorecem e desqualificam a inserção social do sujeito idoso.

ATO 3: O PROCESSO ARTÍSTICO: IDOSOS EM CENA

Neste capítulo, apresento a revisão bibliográfica, em que selecionei estudos realizados em congruência com os objetivos desta pesquisa e que apresentam a experiência de idosos em oficinas de teatro, e em quais aspectos foram relacionados nesta perspectiva e suas relações com a emancipação.

No segundo momento, discorro sobre a pesquisa realizada no grupo de teatro "Art&facto da Idade" e, através da análise de discursos dos idosos participantes, verifiquei as aproximações estabelecidas entre terceira idade, emancipação e protagonismo acerca das reflexões promovidas através da experiência no processo artístico.

3.1 Revisão bibliográfica

No período de 15 de julho de 2013 a 23 de março de 2014, realizei a revisão bibliográfica proposta neste estudo. Para este processo de pesquisa, utilizei as bibliotecas da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) e da Escola de Comunicações e Artes (ECA) ambas da Universidade de São Paulo, e posteriormente consultei bibliotecas digitais, base de dados e revistas científicas (tabela 2) que usualmente abordam assuntos da área de humanas e interdisciplinaridade, pois utilizo neste estudo diferentes áreas do conhecimento, como gerontologia, teatro e estudos culturais.

Inicialmente utilizei para a busca de publicações as palavras chaves: *oficina de teatro para idosos, teatro-educação para idosos*, *teatro para idosos* e *educação para idosos*. Não considerei como critério de seleção o período de publicação, pois os estudos com anos espaçados podem contribuir com uma melhor análise dos processos artísticos e uma possível aproximação dos fatores sociais que marcaram um determinado período.

Considerando que o objeto deste estudo é voltado à experiência de idosos em oficinas de teatro, busquei publicações que tratassem de relatos de experiências realizados no Brasil, pois entendo que estes podem contribuir com uma maior proximidade da realidade dos idosos em seus aspectos culturais e sociais.

Utilizei, na pesquisa as palavras chave mencionadas e foram encontradas 8.096 publicações que tinham no assunto ou título as palavras pesquisadas. Através da análise dos títulos que encontrei, escolhi 16 estudos que foram triados por terem proximidade com o assunto deste trabalho, que se trata de relatos de experiências sobre oficinas de teatro para idosos.

No processo de pesquisa, deparei-me com a dificuldade de encontrar publicações que atendessem as especificidades deste estudo, pois muitos dos artigos encontrados correspondiam a outros objetivos, em sua maioria eram relatos sobre oficinas de teatro destinado à crianças e jovens, alfabetização para idosos, atividade física para idosos e um considerável número de publicações com assuntos relacionados à saúde do idoso.

Neste contexto, ampliei minha pesquisa com outras palavras chaves: *ator idoso*; *arte para idosos* e *pedagogia do teatro*, a fim de atender minha expectativa com publicações que relatassem processos artísticos que envolvessem idosos e teatro, ou no máximo, que articulassem temas próximos de modo a ampliar o repertório e contribuir com uma melhor articulação com a proposta dissertativa.

Busquei também estudos nas bases de dados que reúnem publicações em periódicos internacionais, utilizando as palavras chaves: *theater for elderly*, *theater of education for seniors*, *elderly actor* e *theater workshop for seniors*, porém não foram encontradas publicações brasileiras nesses periódicos.

Na tabela 02 apresento as bibliotecas digitais, bases de dados e revistas científicas utilizadas.

Tabela 2 – Bibliotecas Digitais, Bases de Dados e Revistas Científicas

	Bibliotecas Digitais, Bases de Dados e Revistas Científicas
1	Banco de Dados Bibliográficos da USP – DEDALUS
2	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD
3	Biblioteca Digital da Produção Intelectual da USP - BDPI USP
4	Biblioteca Digital da UNICAMP – SBU
5	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUC
6	Bireme
7	EBSCO HOST
8	Google Scholar
9	Lilacs
10	Medline
11	Portal de Buscas integradas – SIBi
12	PROQUEST
13	Scientific Electronic Library On Line – Scielo
14	SCOPUS

15	Universia Biblioteca Virtual

Na tabela 3, destaco o número total de artigos encontrados em cada fonte utilizada para pesquisa, conforme as palavras chaves mencionadas acima.

Tabela 3 – Número total de publicações encontradas por bibliotecas digitais, bases de dados e revistas científicas

Bibliotecas Digitais, Bases de Dados e Revistas Científicas	Nº total de publicações
Banco de Dados Bibliográficos da USP – DEDALUS	59
Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD	176
Biblioteca Digital da Produção Intelectual da USP - BDPI USP	1610
Biblioteca Digital da UNICAMP – SBU	65
Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUC	1821
Bireme	801
EBSCO HOST	127
Google Scholar	1247
Lilacs	29
Medline	0
Portal de Buscas integradas – SIBi	1548
PROQUEST	121
Scientific Electronic Library On Line – Scielo	79
SCOPUS	81
Universia Biblioteca Virtual	332
Total	**8096**

De acordo com a tabela 4, apresento os 16 artigos que foram pré-selecionados por atenderem em seu título ou assunto os temas pesquisados neste estudo.

Tabela 4 – Título das publicações, origem, autores e ano

Nº	Título	Origem	Autor(es) | Ano

1	A velhice e o envelhecimento do ator: entre o palco e os bastidores	Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.	DIAS, Ricardo Aparecido (2007).
2	As oficinas de jogos teatrais de Viola Spolin como reencantamento possível emergido no imaginário de um grupo de idosos	Dissertação de Mestrado - Universidade Católica de Brasília.	BRANDÃO, Pierre Soares (2006).
3	Envelhecer atuando: bem-estar subjetivo, apoio social e resiliência em participantes de grupo de teatro	Artigo publicado na Fractal: Revista de Psicologia - Universidade Federal Fluminense.	RESENDE, Marineia Crosara, et al. (2010).
4	Estudo da influência da prática das artes cênicas e atividade autobiográfica e literária no comportamento de uma população com idade acima de 60 anos	Tese de Doutorado - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.	NASCIMENTO, Adenilson Matos do (2013).
5	Histórias de vida, teatro e velhice	Artigo apresentado no XIX Seminário Latinoamericano de Escuelas de Trabajo Social – Ecuador.	VENANCIO, Beatriz Pinto (2009).

6	Manifestações artístico-culturais o teatro como forma de letramento na terceira idade	Artigo apresentado no Seminário de Educação de Jovens e Adultos - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.	MORAES, Raphaela Novaes (2010).
7	Não há limites para a prática circense: oficinas de circo na UNATI	Artigo publicado na Revista Científica JOPEF – Curitiba.	MATULLE, Rafaeli de Clara, et al. (2011).
8	O sentido da vida no envelhecer: o teatro espontâneo do cotidiano como um recurso em terapia ocupacional	Tese de Doutorado da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.	MENDONÇA, Marcia Pontes (2003).
9	Oficinas de teatro da UNATI - Unesp de Marília: o lúdico como elemento estimulador dos processos de criação teatral da pessoa idosa	Artigo publicado na Revista Científica Educação em Revista da Universidade Federal de Minas Gerais.	CORDEIRO, Ana Paula (2006).
10	Passos e compassos no palco da maior idade: inserções sobre a arte como agente instituinte na maturidade	Revista do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense.	SOUSA, Antonio Rodrigues (2001).

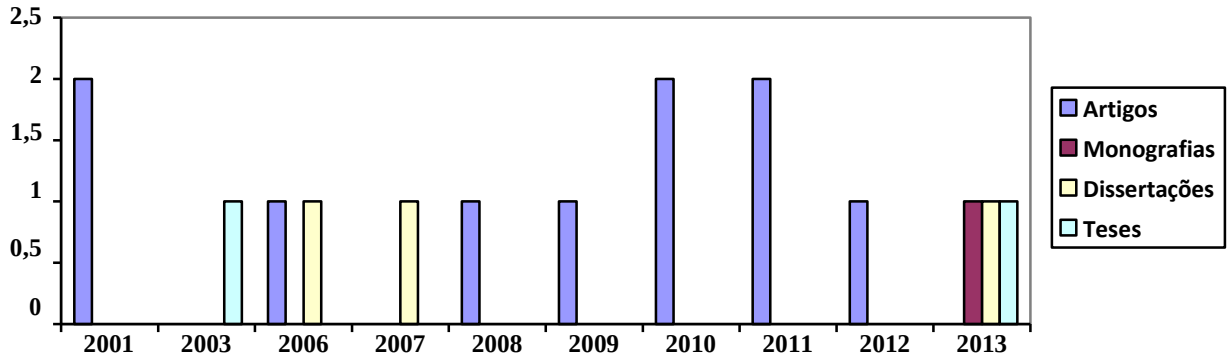
11	Práticas educomunicativas em um teatro intergeracional: experiências no SESC São Paulo	Monografia apresentada na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.	FRANCO, Cecília Mogadouro (2013).
12	Problematização de Temáticas de Promoção da Saúde do Idoso a partir de uma Vivência Dramatúrgica	Artigo publicado na Revista Saúde e Sociedade da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.	SANTO, Antonio Carlos Gomes do Espírito, et al. (2008).
13	Reinventado as práticas de enfermagem na educação em saúde: teatro com idosos	Artigo publicado na Escola Ana Nery Revista de Enfermagem da Universidade Federal do Rio de Janeiro.	CAMPOS, Cassia Noele Arruda, et al. (2012).
14	Teatro de Lembranças	Artigo publicado na Revista Gênero da Universidade Federal Fluminense.	VENANCIO, Beatriz Pinto (2001).
15	Teatro educação está de cortinas abertas para o espetáculo da longevidade brasileira?	Dissertação de Mestrado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.	COSTA, Gracielle Elaine Ramos (2013)
16	Teatro espontâneo do cotidiano: a teatroterapia enquanto recurso terapêutico na resolução de conflitos junto a pessoas em processo de envelhecimento.	Artigo publicado na revista digital TO Coletiva.	MENDONÇA, Marcia Pontes (2011).

O resultado inicial desta pesquisa causou-me curiosidade à frente do resultado inicial, pois apesar de serem encontradas 8.096 publicações com as palavras chave que utilizei somente 16 artigos correspondia, de fato, ao tema de oficinas de teatro em grupo de idosos; de acordo com esse cenário, realizei algumas análises iniciais.

Referente aos anos de publicações, é relevante destacar que os dezesseis estudos encontrados foram realizados de forma fragmentada entre os anos de 2001 a 2013.

Destes estudos, 10 são artigos que relatam experiências em grupos de idosos, 01 monografia apresentada para conclusão de curso de pós-graduação *lato sensu*, 03 dissertações apresentadas para conclusão do curso de pós-graduação *stricto sensu* e 02 teses de doutorado, conforme apresento na tabela 5.

Tabela 5 – Ano e tipos de publicações



Realizei uma análise sobre os pressupostos que possam ter contribuído para que estas publicações acontecessem neste dado período. Verifiquei os temas centrais apresentados nos estudos, em alguns deles, foram identificados dois temas que relacionavam-se entre si.

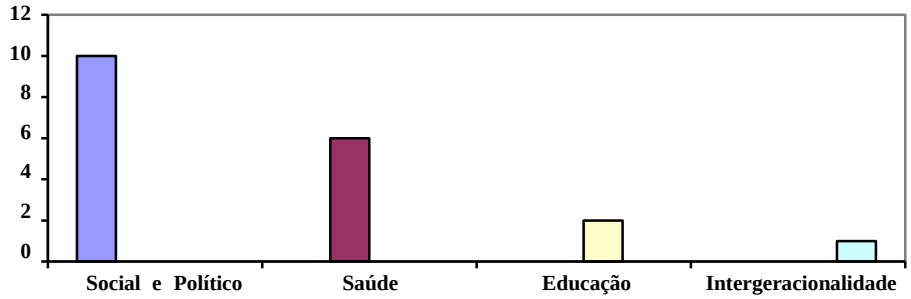
Dos 16 estudos, 10 publicações tiveram como objetivo investigar os aspectos sociais e a participação política dos idosos através da oficina de teatro, como meio de mantê-los ativos na sociedade e favorecer seu protagonismo e participação social.

O tema saúde aparece em 06 publicações com o objetivo de pesquisar se vivência teatral favorece a orientação em saúde, o incentivo ao autocuidado e a prevenção de acidentes.

A educação é o tema de 02 publicações, sendo uma delas com objetivo verificar as possibilidades de alfabetização através da oficina de teatro e a outra da análise dos currículos de cursos de formação de arte educadores para atuarem com idosos.

Somente 01 trabalho referiu-se à pesquisa sobre a importância da intergeracionalidade em seu objetivo geral, como apresento na tabela 06.

Tabela 6 – Temas das publicações



De acordo com a análise das datas de publicações e dos temas que nortearam a realização dos trabalhos, presumo que as publicações aconteceram a partir do ano de 2001 por a velhice ser um tema relativamente novo, compreendido no âmbito biopsicossocial.

Nas últimas décadas, com o aumento da expectativa de vida e o envelhecimento populacional, a velhice passa a ser vista como uma nova categoria social, que requer atenção e controle, principalmente ao apresentar novas demandas nas áreas de saúde, assistência social, previdência entre outros setores.

Outra hipótese é que visando atender essa crescente demanda de idosos estruturou-se programas e leis internacionais e nacionais que incentivam a criação de políticas públicas específicas para esse segmento, que favoreceram a atuação de

profissionais especializados junto a essa população, surgindo assim um novo mercado profissional.

No ano de 2002 foi lançada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) o Programa de Envelhecimento Ativo, que propõe ações que estimulem a independência e autonomia dos idosos por meio de atividades e ações que incentivem seu protagonismo social. Esta política proposta pela OMS tornou-se difusa no Brasil a partir de 2005, quando foi traduzido o caderno "Envelhecimento Ativo: uma política de saúde".

A regulamentação do Estatuto do Idoso em 2003, também pode ter contribuído com o incentivo de novas pesquisas nessa área, considerando que após essa data, aconteceram publicações acadêmicas como monografias, dissertações e teses.

Os serviços como centro de convivência e universidades abertas à terceira idade, que oferecem esse tipo de curso para idosos, surgiram no Brasil na década de sessenta, mas que somente nos últimos anos, com a difusão da gerontologia através de cursos de graduação, pós-graduação e extensão universitária, podem ter levado os profissionais a proporem novos cursos, mais estruturados e diversificados, que excedem o caráter inicial assistencialista presente no período inicial dessas propostas, criando assim campos de atuação e pesquisa.

Para analisar os trabalhos e com isso conhecer as metodologias utilizadas nos processos artísticos presentes em oficinas de teatro para idosos, foi fundamental a leitura das 16 publicações e mais uma vez utilizei critérios para selecioná-las de modo a fazer uma análise crítica somente das que atendessem as especificidades deste estudo, oferecendo os subsídios necessários para sua reflexão conceitual.

Como neste estudo tenho por objetivo analisar oficinas de teatro para idosos cujas metodologias utilizadas buscam a emancipação e promoção do envelhecimento ativo, estabeleci como principal critério de análise que o estudo aconteça em grupos de idosos e tenha o idoso como participante; que apresente uma descrição do processo metodológico do ensino de teatro e proponha uma discussão conceitual sobre o processo artístico e velhice.

Algumas das publicações apresentaram propostas em que o profissional de saúde era o ator e o idoso o espectador, não tornando parte do processo criativo e sim da

apresentação do espetáculo e sua contextualização, outros estudos não se ativeram à descrição metodológica, dificultando assim minha análise do processo artístico e neste caso, não apresentaram subsídios para meu estudo. As pesquisas realizadas em grupos intergeracionais, que embora sejam relevantes para o panorama atual da velhice, não são objetivo final desta pesquisa, portanto foram excluídas da minha seleção.

Na tabela 07, apresento os critérios de inclusão e exclusão das publicações para análise crítica do estudo, utilizados a partir da seleção e da análise dos 16 artigos encontrados.

Tabela 7 – Critérios de inclusão e exclusão das publicações para análise crítica no estudo

Critérios de Inclusão	Critérios de Exclusão
• Oficina de teatro em grupos de idosos	• Propostas realizadas com profissionais
• Apresentação do processo metodológico	• Estudos que não descrevem a metodologia de ensino utilizada
• Discussão conceitual sobre o processo artístico e a velhice	• Pesquisas realizadas em grupos intergeracionais

De acordo com minha análise, através da leitura dos 16 estudos a partir dos critérios apresentados, selecionei 09 publicações que atendem as especificidades deste trabalho, conforme apresento na Tabela 7.

Tabela 8 – Publicações incluídas e excluídas

Incluídas	Excluídas

1	As oficinas de jogos teatrais de Viola Spolin como reencantamento possível emergido no imaginário de um grupo de idosos	**1**	A velhice e o envelhecimento do ator: entre o palco e os bastidores
2	Histórias de vida, teatro e velhice	**2**	Envelhecer atuando: bem-estar subjetivo, apoio social e resiliência em participantes de grupo de teatro
3	Manifestações artístico-culturais o teatro como forma de letramento na terceira idade	**3**	Estudo da influência da prática das artes cênicas e atividade autobiográfica e literária no comportamento de uma população com idade acima de 60 anos
4	Não há limites para a prática circense: oficinas de circo na UATI	**4**	Passos e compassos no palco da maior idade: inserções sobre a arte como agente instituinte na maturidade
5	O sentido da vida no envelhecer: o teatro espontâneo do cotidiano como um recurso em terapia ocupacional	**5**	Práticas educomunicativas em um teatro intergeracional: experiências no SESC São Paulo
6	Oficinas de teatro da UNATI - Unesp de Marília: o lúdico como elemento estimulador dos processos de criação teatral da pessoa idosa	**6**	Problematização de Temáticas de Promoção da Saúde do Idoso a partir de uma Vivência Dramatúrgica
7	Reinventando práticas de enfermagem na educação em saúde: teatro com idosos	**7**	Teatro educação está de cortinas abertas para o espetáculo da longevidade brasileira?
8	Teatro de Lembranças		
9	Teatro espontâneo do cotidiano: a teatroterapia enquanto recurso terapêutico na resolução de conflitos junto a pessoas em processo de envelhecimento		

Como as publicações dos referidos temas são escassas, vale ressaltar que os artigos que selecionei para a análise bibliográfica atenderam a priori a proposta de pesquisa em metodologias de ensino utilizadas em grupos de teatro para idosos,

enquanto as publicações que não foram escolhidas contribuíram com a contextualização de conceitos e de reflexões a partir da relação da experiência com o grupo experimental.

Dentre as publicações inclusas, percebi que em todas houveram um detalhamento metodológico das atividades ministradas nas oficinas de teatro, com fins diferenciados, o que gerou nesta etapa da pesquisa percepções interessantes acerca do objetivo de cada estudo, conforme podemos observar na Tabela 8.

É relevante mencionar que os objetivos foram escritos resumidamente e criteriosamente de modo a não perder o sentido original proposto em cada estudo.

Tabela 9 – Objetivos dos autores e minhas percepções das publicações

Nº	Título	Objetivo dos autores	Minhas percepções
1	As oficinas de jogos teatrais de Viola Spolin como reencantamento possível emergido no imaginário de um grupo de idosos	Desmistificar a velhice acreditando no poder transformador do teatro com seus espaços livres, e porque não dizer "espaços de liberdade", e na importância do imaginário subjacente às nossas atitudes, este trabalho culturanalítico se propõe a conhecer/levantar o imaginário – à luz da Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand e da utilização do Arquétipo Teste de Nove Elementos de Yves Durand – de um grupo de idosos praticantes de uma oficina de teatro que se utiliza dos Jogos Teatrais de Viola Spolin na busca do possível reencantamento, ou não, da sua velhice.	O autor apresenta teoricamente o conceito o de encantamento por Gilbert Durant, contextualizando-o com os aspectos biopsicossociais da velhice. Apresenta também o Arquétipo teste de Nove Elementos (A.T. -9) de Yves Durant no qual utiliza-se os nove elementos: queda, espada, refúgio, monstro devorante, algo cíclico, personagem, água, animal e fogo. Este instrumento foi aplicado no início de uma oficina experimental e no término, após 05 meses de encontros. O autor acompanhou o desenvolvimento da oficina através da observação não participante. Em seguida apresenta o conceito de Jogos Teatrais de Viola Spolin, sobre a transposição do processo de aprendizagem para a vida diária, expressão de grupo e Técnicas Teatrais.

2	Histórias de vida, teatro e velhice	O trabalho propõe uma reflexão sobre a possibilidade da criação de textos teatrais (dramáticos) com fragmentos das lembranças dos idosos pertencentes a um grupo do programa de extensão da Universidade Federal Fluminense. A pesquisa foi realizada com o objetivo de buscar novas formas de intervenção profissional (Serviço Social) utilizando o teatro como linguagem.	Este artigo corrobora com a proposta desta pesquisa, nos seguintes aspectos: a oficina de teatro como meio de favorecer um grupo de idosos a repensarem sobre suas vidas; textos criados a partir da memória e do repertório pessoal do idoso; repensar sobre as metodologias de ensino de teatro para idosos, de modo a contribuir com seu protagonismo; possibilidades de novos projetos de vida e projeção de seu futuro.
3	Não há limites para a prática circense: oficinas de circo na UATI	Este artigo tem o objetivo de descrever as atividades circenses de uma UATI (Universidade Aberta para Terceira Idade), considerando que o circo é uma atividade que envolve grande variação de movimentos e, consequentemente exige diferentes habilidades físicas e motoras e também desenvolve a expressividade, a criatividade e a fantasia.	A proposta apresentada relata a importância de criar um ambiente de motivação e de ressignificação da velhice, que por meio das atividades circenses, os idosos desafiam-se a reconhecer o próprio corpo, com suas possiblidades e limitações. Como o processo artístico circense se aproxima da realidade do processo criativo do teatro, podemos considerar que este artigo poderá contribuir com a pesquisa em questão.
4	Oficinas de teatro da UNATI - Unesp de Marília: o lúdico como elemento estimulador dos processos de criação teatral da pessoa idosa	Desenvolvimento de oficinas de teatro junto a um grupo de alunos da UNATI - UNESP de Marília, com o objetivo de demonstrar o papel do lúdico como estimulador dos processos de criação da pessoa idosa. Através de jogos teatrais e criação de peças coletivas buscamos privilegiar o caráter prazeroso da elaboração do conhecimento.	O trabalho apresentado corrobora com a proposta desta pesquisa, que perpassa pelo processo lúdico de criação por meio da memória, considerando as especificidades encontradas na heterogeneidade de um grupo de idosos. Foi realizada uma pesquisa-ação e pesquisa participante, que parte da base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação e ou com uma resolução de um problema coletivo. Através dos jogos e improvisações os idosos

			criaram espetáculos teatrais. Este processo contribuiu com a reflexão sobre as possibilidades em relação ao movimento, ao improviso, à capacidade de atuar, de escrever, de expressar-se a partir de inúmeras formas de linguagens. Segundo a autora, através da pesquisa, buscou-se romper com o estereótipo de que o lúdico está ligado somente à infância.
5	Reinventando práticas de enfermagem na educação em saúde: teatro com idosos	O artigo trata-se de uma pesquisa-ação realizada por uma intervenção de enfermagem em um grupo de idosos através de uma Oficina de Teatro, com o objetivo de contribuir com empoderamento dos idosos, a partir da valorização de suas experiências.	O processo metodológico foi desenvolvido com os idosos, valorizando as principais características dos idosos do grupo. O roteiro do espetáculo foi realizado pelos educadores, baseado nos relatos e nas improvisações dos idosos no processo da oficina, o que minimizou a necessidade de memorização dos textos e contribuiu a valorização de seu conhecimento e repertório pessoal. Os encontros favoreceram a desmistificação da velhice e requereu uma ação continuada, planejada e não inflexível, pois os temas constituíram um norte condutor de criatividade e sensibilidade.
6	Teatro espontâneo do cotidiano: a teatroterapia enquanto recurso terapêutico na resolução de conflitos junto a pessoas em processo de envelhecimento.	É um relato de experiência baseado na intervenção do teatro em um grupo de idosos com o objetivo é criar um espaço de reflexão sobre os valores pessoais e história de vida dos idosos, através das técnicas do Teatro Espontâneo do Cotidiano (técnica desenvolvida pela autora baseada no Método Boal e Teatro da Espontaneidade do J.L. Moreno).	O Teatro Espontâneo do Cotidiano perpassa pela utilização dos jogos teatrais, de improvisações no qual os participantes re-vivenciam questões pessoais cotidianas que podem contribuir com a resolução de conflitos.

7	O sentido da vida no envelhecer: o teatro espontâneo do cotidiano como um recurso em terapia ocupacional	Este estudo consiste em uma intervenção do Teatro Espontâneo do Cotidiano em um grupo de idosos participantes de um projeto de HAS com objetivo de ouvir das pessoas qual o significado de envelhecer para elas, no qual, pode se levantar aspectos que podem ser incorporados nas ações de promoção de saúde.	Neste estudo a pergunta norteadora utilizada para os desdobramentos dos encontros foi: Qual o significado do envelhecer para você? Com a metodologia do Teatro Espontâneo do Cotidiano foram utilizados os jogos teatrais, improvisações no qual os participantes re-vivenciaram as questões pessoais cotidianas e a resolução de conflitos.
8	Manifestações artístico-culturais o teatro como forma de letramento na terceira idade	Este artigo trata-se da utilização do Teatro (e seu processo metodológico) como instrumento para a alfabetização de idosos.	O artigo descreve o processo metodológico utilizado: jogos teatrais, improvisações, leituras de imagens, leituras de texto, criação de texto, ensaios e apresentação do espetáculo. Em todo processo são analisados a escrita, a pronúncia e a interpretação de textos, favorecendo também a crítica de cada aluno e a valorização de seu repertório pessoal.
9	Teatro de Lembranças	O artigo trata-se de uma experiência do Teatro-imagem (Boal) em um grupo de idosas, no qual houve a tentativa de entender a subjetividade das idosas a partir da encenação de suas lembranças.	Este estudo descreve uma experiência que trata a relação entre a memória e o presente do idoso, promovendo uma reflexão sobre suas experiências e suas relações.

Em minha vivência profissional, percebi que o teatro é uma das opções de oficina que aparecem com frequência nas programações propostas pelos centros de convivência e universidades abertas à terceira idade. Acredito que o teatro é uma das linguagens artísticas que podem contribuir com os aspectos relevantes para o envelhecimento ativo, entendido como um processo de estimulo à independência e autonomia, motivo pelo qual, o processo inicial deste estudo, foi uma experiência relevante ao me deparar com poucas publicações sobre essa prática artística em grupos

de idosos, o que me levou a refletir sobre as metodologias utilizadas nestes cursos e em quais objetivos eles estão atrelados.

Das 16 publicações escolhidas inicialmente, verifiquei que um dos principais objetivos para a realização das oficinas de teatro em grupos de idosos era o de favorecer sua participação social e política, utilizando-se deste processo artístico para contribuir com a reflexão do idoso sobre sua trajetória histórico social, valorizando suas experiências e ressignificando-as de modo a potencializá-los para mantê-los ativos.

Conforme observei nos 09 estudos que escolhi posteriormente por tratarem especificamente da descrição da metodologia utilizada nessas oficinas, verifiquei que todo o processo artístico parte da história de vida e do repertório pessoal do idoso, valorizando assim seus conhecimentos e experiências.

Quanto às metodologias utilizadas, os estudos referem-se à utilização dos jogos teatrais, de acordo com a proposta de Viola Spolin, como meio de estimular a criatividade através da resolução de problemas e no auxílio da criação de personagens. A expressão corporal também é uma das etapas metodológicas que aparecem nos estudos, utilizadas como meio de estimular o autoconhecimento e a percepção corporal, partindo de exercícios corporais e de expressividade. A memória também é um recurso que é utilizado para a criação de improvisações, pois a partir das experiências e das vivências cotidianas dos idosos, há possibilidade de criação e recriação artística fortalecendo assim sua memória e suas experiências no âmbito histórico-cultural, que corrobora com a proposta metodológica de Augusto Boal por meio do teatro do oprimido e teatro imagem, que também foi citado nas publicações, que contribuem para esse processo de improvisações em que o idoso revive uma cena cotidiana e tem possibilidade de transformá-la.

A criação de um espetáculo teatral é um dos recursos utilizados nas oficinas de teatro apresentadas; os autores consideram contribuir para esse processo de independência e autonomia do idoso a partir da criação coletiva do roteiro que parte da valorização das memórias e experiências de vida dos participantes, à construção dos personagens, escolhas dos figurinos, objetos cênicos e criação dos cenários.

De acordo com os resultados preliminares desta pesquisa através da revisão bibliográfica realizada, apresento a seguir a próxima fase deste estudo, que foi a

realização do grupo focal e entrevistas individuais para apresentar as percepções dos idosos participantes de oficinas de teatro sobre a emancipação, entendida como autonomia e independência na velhice, de modo a contribuir com o envelhecimento ativo e a inclusão do idoso na vida social.

3.2 Conhecendo o grupo

Era uma quinta-feira de calor intenso, faltavam poucos minutos para as 14 horas, e eu aguardava ansiosamente no teatro vazio. Vinham-me na memória os anos que ministrava aulas de teatro e os inúmeros idosos que compartilharam comigo esse momento de aprendizagem, imagens tão próximas pelo misto de sensações que me provocavam, cheiros de perfume das senhoras vaidosas, o sabor dos doces e chocolates que sempre ganhava como uma representação de afeto e até o arrepio ao recordar do grito mudo de libertação expresso no semblante de um idoso, que percebi no término de uma improvisação, ao sentir que superou suas próprias expectativas ao realizar um papel no qual nunca imaginou ter coragem ou condições para fazê-lo. Imagens que apesar de próximas também se tornaram distantes, ainda que passados poucos anos, caíram no meu esquecimento por causa da minha rotina cotidiana.

Naquela tarde, estava empolgado pela oportunidade em aprofundar minha experiência através de uma nova perspectiva, a "do olhar do idoso", vale dizer, ouvir quais eram as suas percepções acerca da velhice e em qual contexto a oficina de teatro estava presente em sua vida.

Compenetrado em meus pensamentos, ouço chamarem meu nome ao fundo. Era uma senhora muito simpática e que demonstrava, ao se locomover pelo teatro vazio, muita intimidade com aquele espaço. Vestida de preto, com roupas confortáveis, tais como geralmente são utilizadas em ensaios de teatro, percebi que havia se preparado para aquele encontro, apesar de vestida de forma simples, estava maquiada e com o cabelo impecável, como se estivesse indo a um evento. A cada passo que dava, percebi em seu semblante uma empolgação e quando ela chegou até mim, demonstrou muita ansiedade, porque os outros participantes ainda não tinham chegado, aí que percebi o porquê da sua empolgação, esta era a oportunidade de rever seus amigos naquele teatro, que fez parte de sua história.

Nos primeiros dez minutos de espera, acompanhado por aquela senhora simpática que se apresentou como Sra. M.B.B., ouvi suas histórias com o teatro e a sua relação com aquele espaço que sediou por mais de 10 anos o grupo de teatro "Art&facto", grupo que fundou a partir da sua experiência nas oficinas. Percebi através de sua voz, o quanto se orgulhava pela sua história à frente daquele grupo, na luta que trilhou para torná-lo autônomo e livre de vínculos institucionais, sendo contínuo em sua trajetória e seguindo um caminho próprio e que fosse escolhido pelos seus membros, de acordo com a suas expectativas. Com afetuosidade, expressou a gratidão que tinha por todos os diretores que atuaram no grupo, muitas vezes sem auxílios de recursos financeiros, porém movidos por acreditarem no potencial e na dedicação dos idosos participantes.

Tudo começou em 1987, quando surgiu uma oportunidade da Sra. M.B.B. ser voluntária no Fórum Nacional da Terceira Idade - um espaço na região central da cidade de São Paulo que oferecia diversos cursos gratuitos para os idosos. Como já havia participado de várias oficinas de teatro, decidiu por iniciativa própria, criar um grupo autônomo, que não tivesse nenhum vínculo formal institucional, de modo que ele pudesse tornar-se contínuo e com autonomia para trilhar sua trajetória. Iniciou a divulgação "boca a boca" para formar esse grupo, convidando idosos que tivessem experiência com teatro ou disposição para aprender, tendo como principal requisito, dedicação para participar do grupo ativamente. Coincidentemente após a divulgação dessa iniciativa, encontrou um professor/diretor que queria realizar uma pesquisa com idosos numa oficina de teatro para seu trabalho de conclusão de curso e que auxiliou nas atividades do grupo de teatro "Art&fato da Idade" por aproximadamente 18 anos.

Ao longo dos 28 anos de trajetória desse grupo, já passaram por ele muitos idosos, que o conheceram através da divulgação "boca a boca", ou de assistirem a alguns ensaios, pois sempre foram acolhidos em locais públicos ou em espaços que já desenvolviam algum trabalho com idosos para realizarem seus encontros, dentre eles o Fórum Nacional da Terceira Idade, Centro Cultural São Paulo, SESC Pompéia e por último o Tendal da Lapa. Outro meio de divulgação utilizado para angariar idosos ao grupo foi através das apresentações teatrais, participações em eventos e mostras culturais com espetáculos que sempre geraram muito interesse nos idosos expectadores devido ao alto nível de qualidade artística.

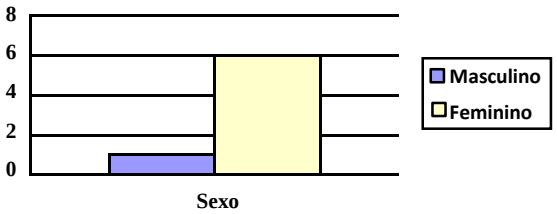
O grupo não realiza mais seus ensaios, pela ausência da figura de um diretor, e por vários de seus integrantes estarem afastados por motivos de doença ou envolvidos em outros projetos. Para a realização desse encontro, a Sra. M.B.B. convocou todos os membros do grupo por telefone, porém só alguns confirmaram sua disponibilidade por questões de saúde e compromissos que já haviam assumido em outros lugares.

O som de passos sobre o tablado, interromperam nossa conversa. Os integrantes do grupo chegaram e abraçaram-se calorosamente, ao som de muitas vozes ressoadas ao mesmo tempo, uníssonos, que demonstravam a alegria pelo encontro e a ansiedade em saber o que os unia novamente.

Nesse primeiro contato, apresentei-me e pedi para que cada integrante se apresentasse. Logo após, expliquei sobre a proposta da pesquisa e o planejamento de cada etapa. Lemos em conjunto o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assim como coloquei-me a disposição para os esclarecimentos de dúvidas para posteriormente formalizarem seu interesse na participação assinando o documento. Todos idosos aceitaram prontamente a participação, percebi que estavam muito empolgados com a possibilidade dos encontros, que apesar de serem poucos, ansiavam para que fossem intensos, como oportunidade de revisitar suas histórias no teatro, aprender e relembrar as propostas dos processos artísticos, e também, de fortalecer os vínculos afetivos que já estavam constituídos por meio de suas experiências no grupo.

Participaram dessa pesquisa 07 idosos, sendo 06 do sexo feminino e um 01 masculino (tabela 10).

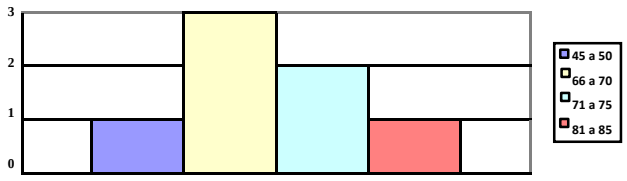
Tabela 10 – Sexo



A idade dos componentes do grupo, varia de 49 a 85 anos (tabela 11), sendo que destes, 03 participantes possuem de 66 a 70 anos de idade, 02 integrantes de 71 a 75 anos e 01 participante com 85 anos. O grupo também conta com 01 integrante de 49

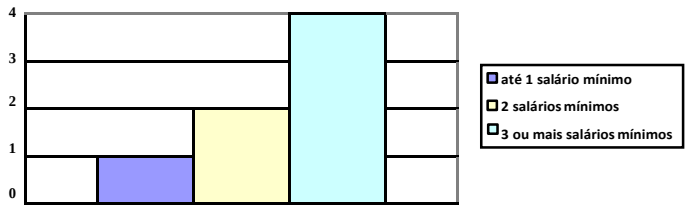
anos de idade, a Sra. C.R., que se identifica com o perfil do grupo e já participou de vários espetáculos com os idosos. Apesar da pesquisa ter como intuito a análise do discurso de idosos participantes do grupo de teatro, decidi por incluí-la por perceber que em seu discurso existe uma aproximação muito grande a dos demais idosos, não sendo a idade um fator que a diferencia no grupo, existindo um tratamento horizontalizado entre ambos.

Tabela 11 – Idade



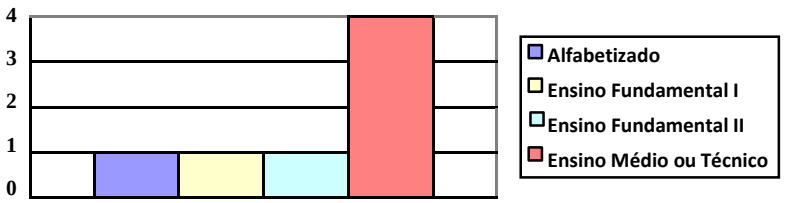
A renda média do grupo é entre 02 ou mais salários mínimos, sendo que só uma integrante apresentou uma renda de até 01 salário mínimo (tabela 12).

Tabela 12 – Renda



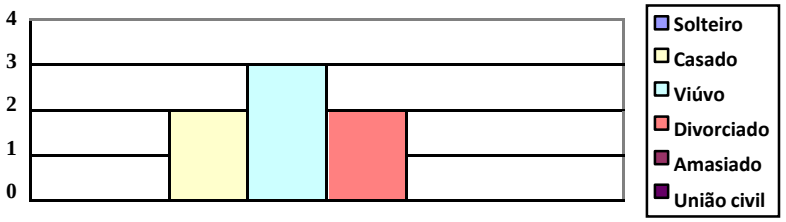
Quanto ao nível de escolaridade, 04 integrantes do grupo possuem ensino médio ou técnico, 01 participante ensino fundamental I (que antes era estabelecido até a 4ª série, hoje denominado 5º ano), 01 interrompeu os estudos no ensino fundamental II (considerado antigamente a partir da 5ª série, hoje, 6º ano) e 01 integrante foi alfabetizado (tabela 13).

Tabela 13 – Escolaridade



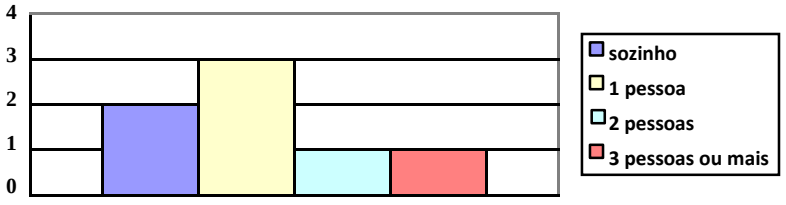
Os estados civis dos participantes também variam, sendo que 02 são casados, 02 são divorciados e 03 viúvos (tabela 14).

Tabela 14 – Estado Civil



Sobre a estrutura familiar, 03 idosos moram com mais uma pessoa, sendo filho(a) ou marido/esposa, 02 participantes moram sozinhos, 01 mora com duas pessoas, sendo filho(a) e neto e 01 integrante mora com 05 pessoas, sendo marido/esposa e filhos(as) (tabela 15).

Tabela 15 – Estrutura familiar



Todas as idosas moravam próximo ao Tendal da Lapa, ou regiões adjacentes utilizando ônibus como principal meio de transporte para chegarem até o local. O idoso

morava longe, gastando quase 1 hora e meia para chegar até o Tendal da Lapa, o que impossibilitou sua frequência em todos os encontros.

3.3 Os encontros: uma tarde para a reflexão sobre a velhice

Não foi aleatoriamente que escolhemos às quintas-feiras à tarde para nossos encontros, era um dia que já era rotineiro para os integrantes do grupo de teatro "Art&facto", onde costumavam se reunir para ensaiarem. A escolha desse dia foi perfeita, por ser próximo ao final de semana, no qual, com maior tempo livre, tive a oportunidade de organizar minhas ideias e aprofundar ainda mais minhas reflexões sobre os encontros que haviam acontecido.

No início dos encontros, a cada quinta-feira, percebi o quanto os idosos demoravam para se aquietarem, eram muitos assuntos para colocarem em dia, principalmente sobre as lembranças e histórias vivenciadas. Relembravam espetáculos que realizaram juntos, os amigos falecidos, os amores encontrados e com muito saudosismo compartilhavam dos momentos de dificuldades e alegrias vividos nos encontros passados.

Foi no clima saudosista que iniciei no segundo encontro o grupo focal, com perguntas dirigidas aos idosos para fomentar um bate papo, que contemplou a reflexão sobre a tríade que considerei relevante para essa pesquisa: terceira idade, protagonismo e emancipação a fim de compreender o que os idosos pensam sobre a velhice enquanto construção sociocultural, como eles se enxergam na "terceira idade", quais percepções sobre sua própria velhice e sua relação com o fazer artístico no processo teatral.

Nos cinco encontros posteriores, realizei uma oficina de teatro, com o intuito de fomentar nos idosos percepções e lembranças oriundas de sua experiência com o processo teatral, possibilitando no término de cada encontro uma reflexão aprofundada sobre as sensações e memórias manifestadas através da sua experiência na vivência artística e sua relação com a velhice.

Para cada dia da oficina, programei uma série de atividades que constituíram um modelo que contemplassem cada encontro:

- Aquecimento e expressão corporal: com o objetivo de explorar os movimentos corporais, e através destes, promover o autoconhecimento e a relação de seu corpo com sua história de vida. Foram utilizados exercícios em diferentes planos (alto, médio e baixo), que possibilitaram a alteração de equilíbrio; variações de tempo, velocidade e ritmo; o olhar, a observação, a sinestesia e o toque.

- Jogos teatrais: com o intuito de estimular a criatividade por meio da espontaneidade na resolução de problemas; de promover a interação e a criação coletiva por das trocas de experiências; na experimentação do fazer teatro, introduzindo os conceitos básicos como: construção do personagem, foco, interpretação, projeção vocal e comunicação cênica.

- Improvisações: criação de esquetes a partir de algum tema da atualidade ou proposto pelo grupo partindo de suas experiências nas atividades anteriores, ou de suas aspirações; sempre realizadas de forma individual, em dupla ou grupo, de modo que todos os participantes possam exercer o papel de atores e plateia e assim estimular seu olhar crítico e novas percepções do fazer teatral.

No término de cada encontro, realizamos a reflexão através de um bate papo partindo das percepções dos idosos sobre as atividades que aconteceram naquele dia. Essa conversa iniciou-se com as perguntas "o que foi realizado hoje?", para relembrarem cada atividade proposta naquele dia e com isso recordar as sensações que foram despertas através dos exercícios, utilizei a pergunta "o que te provocou?" para fomentar essa discussão. Essas reflexões foram gravadas e posteriormente transcritas, de modo que estas também apresentaram discursos interessantes sobre os três temas que elegi para nortear o grupo focal: terceira idade, protagonismo e emancipação.

Com o passar dos encontros, os idosos despertaram interesse em criar uma improvisação coletiva no último dia, como uma celebração do término desse ciclo e uma confraternização pelos reencontros proporcionados. Eles organizaram-se de forma independente e autônoma, desde a escolha de cada personagem à situação problema que os envolveria, dando origem ao esquete, que estava permeada por todos os aspectos teatrais técnicos que desenvolvemos ao longo do processo. Foi no dia dessa apresentação, no último encontro, que realizei as entrevistas individuais, onde

expressaram subjetivamente sua relação com o teatro e quais suas percepções sobre essa prática na terceira idade.

Para a apresentação desse estudo, elegi as estruturas de relevância, a partir da análise de discurso com o enfoque em emancipação, a partir dos temas mencionados com maior recorrência e significância pelos idosos, agrupadas em três eixos: estrutura e desestrutura familiar, sexualidade e convenções sociais e pertencimento.

ATO 4: FAMÍLIA, CONVENÇÕES SOCIAIS E SEXUALIDADE: CONVICÇÕES SOBRE A EMANCIPAÇÃO NA VELHICE

Estava iniciando mais um encontro para a realização da oficina de teatro, neste dia, após o aquecimento, propus um exercício de expressão corporal que denominei "reconhecendo o espaço e o movimento", com objetivo de que, além de explorar os movimentos corporais, os idosos pudessem concentrar-se na relação existente de seu corpo com o espaço. Ao som de uma música clássica, orientei-os que andassem sobre o tablado em silêncio, e solicitei que se atentassem às indicações que lhes daria ao longo da atividade.

Numa das orientações que fiz, em que incentivei os participantes a pisarem forte sobre o tablado, para que através da emissão do som de suas pisadas se fizessem presentes no espaço, percebi que uma das idosas estava enfrentando uma grande dificuldade. Ela não conseguia entregar-se ao exercício, e apesar da minha insistência, e de várias tentativas que fez, ela continuava pisando levemente, sem fazer barulho. Num determinado momento, posicionei-me ao seu lado e olhando em seus olhos, comecei a emitir o som de minha pisada, mostrando para ela como eu fazia; direcionando o peso do meu corpo para as pernas, de modo que meu pé ficasse mais pesado, indo de encontro com o tablado e fazendo barulho com esse impacto. Ela tentou mais algumas vezes, mas apesar de apresentar um grande esforço ainda continuava pisando leve, até que, compenetrada em executar o desafio que eu havia proposto, ela deu um grito e pisou forte, a partir de então seguiu com a atividade, fazendo sons altos enquanto caminhava, marcando sua presença pelo espaço. Percebi em seu semblante que algo

havia acontecido, e que a partir daquele momento precisávamos fazer uma pausa para que refletíssemos sobre aquela sensação que emergia através daquela atividade. Após retornarmos da pausa que eu havia proposto, perguntei se todos estavam bem e se poderíamos prosseguir com os exercícios; com a resposta afirmativa de todos os participantes do grupo, prossegui com o encontro, mesmo percebendo que algo havia inquietado aquela participante.

No término das atividades, finalizando o encontro como de costume, conversamos em grupo sobre as impressões daquele dia, momento em que a Sra. Z.D.S., protagonista daquela pisada forte, manifestou-se espontaneamente para esclarecer:

> "Eu normalmente, ando sem fazer barulho, a não ser que esteja de salto. Sempre fui assim, não faço barulho (...) apanhei muito, então aprendi a não fazer barulho (...) eu me senti mal, porque não era, não era eu; é como se eu estivesse agredindo alguém, alguma coisa, pisando no chão, me sentia agredindo o chão".
>
> Sra. Z.D.S.

Os demais idosos compartilharam de sua sensação, eles se manifestaram sobre essa questão associando-as, a partir de suas referências pessoais, à relação social e familiar. A reflexão coletiva permitiu-nos aprofundar algumas ideias; desde criança a mulher está inserida num contexto social que determina seus modos, através de uma série de atributos que fazem parte de uma convenção social, dentre eles, a de não ser barulhenta, sejam pelas atribuições que lhes eram impostas ao cuidar dos irmãos mais novos, ou pelo simples fato de serem mulheres, e terem que se portar discretamente de modo a não atrair a atenção de outras pessoas.

Para DURKHEIM (1972), o fato social, também conhecido como "convenção social", é toda maneira de agir, fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou, ainda, o que é geral ao conjunto de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui existência própria, independente das manifestações individuais. Desse modo, para integrarmos um grupo social, faz-se necessário seguir esses ditames, muitas vezes de forma leviana, que na maioria das vezes, criam ao longo da vida a sensação de opressão, fazendo-nos reprimir as vontades e desejos próprios, em nome das regras e dos bons costumes.

A velhice é uma etapa que pode ser uma oportunidade de revisão sobre esses costumes e regras que foram adotados ao longo da vida, por ser um momento mais propício à autonomia, visto que para alguns idosos, é uma fase em que há mais liberdade para escolha por não haver amarras de dependência com os pais, cônjuges e filhos, com maior tempo livre para a dedicação de atividades de interesse que propiciam seu empoderamento, contribuindo assim com a vivência de novas experiências.

> "Só na velhice aprendi a fazer tudo que me foi proibido, (...) porque na velhice você é dono de você. Quando você é mais jovem, o mais velho que manda. Primeiro os pais, depois o marido. Quando você se vê livre disso tudo, você é dona de si e faz o que você quer. Só na velhice aprendi a ser eu mesma, fazendo tudo que foi me cortado, fazendo hoje".
>
> Sra. Z.D.S.

Para a Sra. Z.D.S., foi na velhice que conseguiu romper com alguns atributos que a impediu de exercer sua autonomia ao longo da vida, podendo fazer aquilo que tem vontade; porém na sua experiência com a atividade de expressão corporal que levantou a possibilidade de romper com a ideia de que é errado pisar fazendo barulho, percebo que gerou uma insegurança na idosa ao realiza-lo prontamente, diferentemente dos demais membros do grupo. Para ela a experiência do pisar forte, só foi possível, porque ela teve coragem de exercê-lo, que mesmo não gostando do resultado por considerá-lo agressivo, trouxe para si a sensação de superação, que contribuiu com o aprofundamento dessa reflexão sobre a coragem e as rupturas necessárias para que se possa exercer a autonomia.

O processo artístico em que estavam inseridos proporcionou esse momento especial, em que as experiências pessoais dos idosos participantes do grupo agregaram novos valores para essa discussão, permitindo a ampliação do olhar sobre a questão do pisar, e de como utilizam esse simples movimento no cotidiano. Para a Sra. C.R., o que chamou sua atenção foi a questão oposta da Sra. Z.D.S., foi a sutileza:

> "Hoje minha vida não é tão sutil. Eu tenho que correr com meus filhos, correr para o trabalho, para a escola. (...) Quero pisar no chão assim, no dia a dia, e aqui foi muito bom isso, vou levar para a vida".
>
> Sra. C.R.

Para a ela, a sutileza, que é o contraponto da discussão iniciada, foi uma experiência que promoveu a reflexão sobre sua atual rotina, ressoando a partir de sua vivência no pisar de modo sutil e na percepção de seu corpo e do movimento, e com isso, sua relação com o espaço, que favoreceu um processo de introspecção, promovendo uma leitura com sua vida cotidiana, fazendo-a repensar em seus hábitos e no automatismo presente em sua rotina, que vão desde a atenção e cuidados dispostos a sua família e às obrigações diárias que correspondem à sua profissão.

Essa ponderação entre a relação da prática teatral com a vida pessoal, sucedeu-se em vários momentos, principalmente quando estavam associados aspectos corriqueiros do dia a dia, como por exemplo, o olhar.

O olhar nos olhos é uma das importantes tarefas a serem realizadas no teatro, pois é a partir do olhar que se conhece e reconhece o espaço, as pessoas e a relação existente entre todas perspectivas, no contexto em que se está inserido. O estímulo do olhar foi utilizado em todos os encontros, sendo a base, para todos os exercícios que propus ao longo da oficina e foi um dos aspectos que chamou a atenção dos idosos.

> "Andei aqui (nesse tablado) há 18 anos, nunca observei que essas tábuas estavam abauladas (...), aí pensei como nunca observei isso? E hoje observei, veja o quanto não percebemos as pequenas coisas? (...) então, isso pra mim foi importantíssimo, muito bom, que no nosso dia a dia, a correria toda, a gente está sentada do lado de uma pessoa no ônibus, falamos com ela nem olhamos no rosto, já aconteceu comigo, eu falei, fiz a pergunta a ela e não sabia nem a cor dos olhos dela, nem que vestido estava usando, e quantos fazem isso? Não observam os outros..."
>
> Sra. M.B.B.

A questão da observação perpassa desde o reconhecimento do seu corpo, que é realizado no trabalho da expressão corporal, que vai muito além do olhar, mas da percepção e sinestesia imerso em um processo de autoconhecimento; é relevante também estimular o olhar curioso para que desvencilhe a superficialidade do momento, que esteja aguçado para aprofundar-se nas características presentes no espaço, nos objetos e nas pessoas que se correlacionam, reforçando a sensação de pertencimento, do ser parte daquele conjunto. A questão do olhar nos olhos na oficina de teatro foi algo muito relevante para esses idosos e que trouxe uma série de exemplos do quanto é importante essa troca de olhar recíproca, que faz parte do processo de relacionar-se. O

olhar nos olhos foi um fator que gerou bastante impacto nos encontros, e trouxe percepções muito apuradas sobre o *ser visto*, *ser acolhido* e *sentir-se pertencente*. Reforçou a ideia de grupo, de ser parte dele e ter o compromisso com ele, gerando assim a sensação de cumplicidade.

> "E esse negócio de olhar no olho, (...) a gente fica mais sensível, mais valorizada, o ser humano fica muito mais valorizado quando a gente faz um trabalho em grupo. Muito bom! A gente fica muito mais humano."
>
> Sra. C.R.

> "Fico muito irritada quando estou falando com alguém e a pessoa não olha nos meus olhos, eu fico muito mal, tenho vontade de parar de falar com aquela pessoa. (...) acolhida, ouvida, eu acho que quando a pessoa olha pra você se sente acolhida, ouvida. 'Ele está me dando importância, está me olhando'."
>
> Sra. A.M.F.

Os idosos refletiram também sobre a importância do olhar na comunicação, é através dele que falamos e acolhemos o outro, que transmitimos assertividade ou dúvida. Nostálgicos mencionaram também, que era por meio do olhar, que seus pais se comunicavam com os filhos, e que através dele, sabiam o que os pais queriam transmitir; relacionaram ainda sobre a importância desse meio de comunicação nas relações cotidianas, tanto no âmbito familiar como no social, assim como no teatro, exercendo um papel importante na comunicação entre os atores.

> "As pessoas mais velhas, os mais experientes sabem, que quando éramos crianças, os pais chamavam nossa atenção com o olhar."
>
> Sra. A.M.F.

Dessa forma, percebo que o olhar está diretamente relacionado aos aspectos que determinam a aceitação e acolhimento, portanto, trata-se também de uma

importante forma de manifestação que inclui o indivíduo num grupo. O olhar integra uma convenção social, pois é um dos determinantes que aprovam ou não este aceite.

Assim como a importância do olhar para a sensação de pertencimento, as relações familiares também foram recorrentes no discurso dos idosos participantes do grupo, e percebi ao longo desta pesquisa, que é um outro fator que está relacionado diretamente com a emancipação da velhice.

> "E meu filho estava lá em cima gravando e tirando foto. Aí o rapaz que tava do lado dele falou assim: 'Tu já viu aquela mulata? Aquilo não é da terceira idade não'. Aí ele virou: 'É minha mãe'. Aí o cara falou: 'Pode ser sua mãe, mas que é gostosa, é'. Depois meu filho, falou: 'Mãe, não pare nunca de fazer o que a senhora gosta'. E isso foi o maior amor que meu filho deu para mim, me tirar da situação que eu tava, porque se eu continuasse assim, eu ia estar coroca igual minhas irmãs, minha mãe, que ficava lá só cuidando do marido e tudo, por isso que sou pipa voada, o que eu puder fazer eu faço, principalmente o teatro, o teatro pra mim é tudo!"
>
> Sra. Z.D.S.

Com brilho nos olhos e expressão de orgulho a Sra. Z.D.S. compartilhou com o grupo esse episódio que aconteceu quando seu filho foi prestigiá-la numa apresentação teatral. Para ela, o incentivo de seu filho foi fundamental para exercer sua autonomia, principalmente depois da aposentadoria. Foi a partir dos 50 anos que começou a realizar tudo o que teve vontade de fazer. Ela mora com o filho, e mesmo com as dificuldades que passou com a viuvez no primeiro casamento, e a separação em sua segunda união marital, foi através do incentivo do filho que buscou novas perspectivas para sua vida.

> "Me aposentei, e meu filho ficou de saco cheio de me ver dentro de casa. Não de saco cheio, mas eu era uma pessoa que saía todo dia, era muito ativa, comecei a ficar muito em casa, e ele começou a ficar preocupado. Aí um dia, ele chegou do trabalho, trazendo um jornal e tocou a campainha. Fui abrir e falei: 'Filho, você esqueceu a chave?'. Ele empurrou o jornal e falou: 'Não, é seu príncipe encantado que veio tirar você para sair pra rua'; mas ele falou com uma grosseria tão grande, que ele nunca tinha falado comigo daquele jeito. Aquilo me doeu tanto, que eu fui pra dentro do meu quarto, peguei aquele jornal e comecei a ler, e lá tava assim 'oficina de teatro para terceira idade'. Eu sequei minhas lágrimas(...) e falei: 'Vou lá!'."
>
> Sra. Z.D.S.

O estranhamento que sentiu em relação à reação de seu filho fez com que a Sra. Z.D.S. refletisse sobre sua vida. Ela havia abandonado seus desejos logo após a aposentadoria; parte disso se sucedeu pela repressão familiar em que esteve submissa ao longo de sua vida, seja pela necessidade em priorizar suas tarefas para o sustento do lar, ou por questões de ciúme por parte do cônjuge, que a afastou das artes cênicas, quando atuou em campanhas publicitárias. O incentivo do filho foi fundamental para que ela se sentisse motivada a planejar seu futuro, ao realizar uma releitura de sua trajetória e sentir-se animada para buscar novas oportunidades na participação de várias atividades que sempre teve vontade de fazer, dentre elas, o teatro.

Para a Sra. M.B.B., seus filhos também exerceram um papel fundamental que contribuiu com a elaboração de um novo projeto de vida após a viuvez. Assim que se aposentou, ela ficou viúva repentinamente e, de acordo com seu relato, por ser muito apegada ao marido, apresentou um quadro depressivo, o que causou muita preocupação entre seus filhos, pois estavam com medo de perder sua mãe, assim como haviam perdido o pai. Nesta época, seus filhos foram fundamentais para auxiliá-la a repensar em sua vida e incentivá-la a exercer sua autonomia. Sua filha caçula começou a participar de um estágio no SESC e conheceu o programa da "terceira idade", que conta com uma programação que inclui várias atividades específicas para o público idoso, o que levou a incentivar sua mãe a conhecer essas propostas.

> "Você vai se encontrar lá novamente, dizia minha filha, você vai renascer. Porque nós estamos bem criados, todos fazendo faculdade, você não tem necessidade nenhuma de ficar aqui em casa, fazer comida, nós nos viramos. Você vai lá nesse SESC e vai conhecer aquele pessoal (...), você vai criar amigos, conhecer pessoas e vai fazer uma coisa que você sempre gostou de fazer, o teatro. (...) Meus filhos me incentivaram a sair de casa, da minha bolha. 'Quebra essa bolha, vai lá fora, conhecer outro mundo que você não conhece. Você só criou filho, cuidou do marido, do seu trabalho lá fora, então vai agora, mãe, você está livre, estamos já cuidados'. Fui incentivada pelos meus três filhos. Foi isso que aconteceu na minha vida."
>
> Sra. M.B.B.

Para esse grupo de idosos, a relação com os filhos, exerce um papel que vai muito além de estabelecer novos projetos de vida, mas o da autonomia presente na oportunidade de ressignificação e na revisão de seus valores pessoais, adotando novas

posturas perante a própria família que valorizem seus desejos e vontades. Para eles, é importante também que os filhos tenham orgulho daquilo que produzem nessa fase da vida, realizando atividades que antes não conseguiam realizar, sejam por falta de oportunidade, por questões de prioridades ou por restrições por conta da família.

Os filhos atuam num papel de potencialização para a quebra desses paradigmas, dentre eles o preconceito oriundo de sua própria família, quando o idoso começa a adotar hábitos que fogem de sua "normalidade", e quando socialmente essas práticas não fazem parte de uma convenção social, que determinam as atitudes de um idoso, dentre eles, o de buscar um novo relacionamento afetivo sem o compromisso do casamento.

Nesse contexto, a Sra. Z.D.S., mesmo sendo apoiada por seu filho para exercer sua autonomia, compartilha sobre o preconceito que sofreu em sua família, por ser viúva e não ter interesse em assumir um novo casamento, por sentir-se livre para amar e namorar sem o compromisso marital.

> "(...) quando você é uma pessoa viúva ou separada, a família cobra muito, a própria família te exclui de tudo, você não pode porque não tem marido (...), enquanto minha mãe não estiver batendo com as botas, vão ter que me engolir. Não estou nem aí com os evangélicos. 'Você tem que arrumar um marido! Pra quê? Eu tenho meu dinheiro, me sustento, pra quê eu quero marido? Eu quero namorar, não quero mais lavar cueca..."
>
> Sra. Z.D.S.

É interessante refletir o quanto a família, enquanto instituição, exerce um poder social, e ao mesmo tempo, seus membros sofrem a opressão por ter que atender as condutas esperadas socialmente, de modo que não quebre com os padrões estabelecidos pelas convenções sociais. No constructo social das relações familiares, a família estendida, que é considerada aquela composta por parentes mais distantes, reforça um modelo a ser seguido pela familiar nuclear, que é um modelo tradicional composto pelos pais e filhos. Essa imagem do modelo de família nuclear está presente desde a infância, quando as crianças em suas brincadeiras começam a estipular papéis de atuação que reforçam a figura masculina como o provedor, o que sustenta a família, e do papel feminino que tem a responsabilidade da preservação da família ao cuidar do lar, do marido e dos filhos; neste contexto, as crianças que são o produto da relação de

amor entre o marido e a esposa, intensificam assim, a ideia dos papéis sociais a serem seguidos pelos gêneros e a relevância destes para um marcador de sucesso, que consiste em compor o padrão ideal de família.

Para Parsons (apud DEBERT, 2013), a ideia de "família nuclear isolada" é uma resposta à necessidade do desenvolvimento industrial, por ter possibilitado à família a adquirir e conquistar a mobilidade e independência em relação ao grupo de parentesco mais amplo. Por este motivo, a família nuclear ideal e as condições econômicas e materiais alcançadas ao longo de sua constituição são uma forma de ostentar o sucesso perante os outros, exercendo uma relação de poder e status social.

Constituir um modelo de família nuclear ao longo da vida e sustentá-la em suas necessidades é socialmente sinônimo de sucesso; porém na velhice, essa concepção é socialmente vista por outros parâmetros, considerando que, em alguns casos, com a independência dos filhos e a viuvez, o idoso esteja mais suscetível à novas experiências, podendo ser um risco a esse modelo tradicional de família, passando assim a sofrer um preconceito.

No caso da Sra. M.B.B., quando ficou viúva, ela percebeu a discriminação da família e dos amigos mais próximos, principalmente por parte das mulheres, como se ela fosse uma ameaça aos seus casamentos, como uma necessidade implícita de ter que encontrar um novo parceiro para continuar a relacionar-se com suas amigas casadas.

> "As mulheres deles diziam: 'Lá não vamos mais, perigosa, ela está em marido.'. O que elas pensavam? Que eu ia atacar qualquer um? Jamais colocaria qualquer um no lugar do meu marido."
>
> Sra. M.B.B.

A sexualidade é um dos aspectos que oriunda os preconceitos na velhice, assim como a autoestima e a sensação de pertencimento. Muitos idosos redescobrem a possibilidade de trilharem por caminhos que antes não conseguiam percorrer, sejam pelas próprias condições sociais, como dedicação ao trabalho formal e à família, ou com o falecimento do cônjuge, quando há a oportunidade de usufruir de maior liberdade de escolha e de adotar hábitos que antes não eram permitidos pelas próprias condições do casamento, ou tidos como morais. Os filhos reaparecem nessa questão, mais uma vez,

sendo agentes fundamentais no incentivo às decisões dos idosos, principalmente quando se trata em buscar um novo amor e exercer a sua sexualidade.

A Sra. A.P.C. relatou que se separou muito cedo, quando tinha 42 anos de idade, e percebeu que seus filhos se dividiram, uns concordariam caso ela decidisse encontrar um novo amor, porém outros não aceitariam, fator que contribuiu bastante para torná-la indisponível para namorar, mesmo sabendo que alguns de seus filhos a apoiariam.

> "Acho que a gente tem que entender que cada um tem um pensamento, uma maneira de falar, pensar... porque eu me separei, eu tinha 42 anos, e eu sei que alguns dos meus filhos, se eu arrumasse um namorado, eles concordariam, outros não. (...) Concordar, eu quero dizer, aceitar. Mas, tinha uns que eu tenho certeza que se eu arrumasse um namorado, eles não iam me aceitar. Verdade! Por isso eu digo, cada pessoa tem uma maneira de ser, uma maneira de pensar, cada um é cada um."
>
> Sra. A.P.C.

Para os idosos, a relação familiar é tão relevante que estabelece uma ideia de relacionamento que requer dedicação quase que exclusiva, principalmente quando hierarquicamente exercem o papel da matriarca (ou patriarca), ou ainda do principal provedor de suas necessidades básicas da família. É muito difícil para o idoso romper com essa concepção, principalmente quando ao longo da sua vida, assumiu o papel de passividade e abdicou de seus desejos reais em prol de um "bem-estar familiar". Considerando as alterações sociais presentes na velhice, através da perda do cônjuge, aposentadoria, riscos de isolamento social e a percepção de não produtividade, para alguns idosos são fatores que podem torna-los passivos e indispostos ao enfrentamento.

A Sra. Z.D.S., afirma que seu filho a incentivou bastante, principalmente quando decidiu romper com os padrões esperados pela família e mesmo assim sofreu preconceitos por conta de suas atitudes.

> "Eu mesma quebrei (paradigmas), e muitas coisas com a ajuda do meu filho. (...) Eu sempre digo pro meu filho, que tenho um amigo, moramos juntos, eu tenho um amigo em casa, não um filho. E uma coisa que ele disse pra mim: 'Mãe, a vida é sua. Você faz o que a senhora quiser. Se a senhora errar a culpa é

> sua, se a senhora acertar, a culpa é sua também, não culpa ninguém pela sua vida, você dirige sua vida.'. (...) Às vezes eu digo: 'Eu queria fazer isso. Vai lá e faz, porque não vai fazer?'."
>
> Sra. Z.D.S.

Os cônjuges também podem exercer um papel importante nesse processo de emancipação da velhice, contribuindo com as quebras de paradigmas e na reconstrução dos projetos de vida a partir da aposentadoria e da viuvez. A Sra. M.B.B. disse com muita satisfação, que seu marido comentava que após sua morte, ela deveria seguir sua vida com autonomia, realizando as atividades que tivesse vontade de fazer e também que se sentisse livre para buscar um novo amor, uma nova companhia para sua vida, porém dizia que deveria saber quem era o homem a quem se entregaria, pois ela não era uma mulher para um homem qualquer, mas para alguém muito especial. Apesar do incentivo do marido, ela permanece sozinha, dedicando-se somente às suas atividades, dentre elas, o teatro e no auxílio aos seus filhos e netos, que sempre a visitam e a apoiam quando necessitam; porém na vivência teatral ela se sente conectada com ele, e sempre que pode, refere-se a ele dizendo que a incentivou a desenvolver-se como atriz. Talvez pela saudade existente com a falta de seu marido, ou pela carência da afetividade nesta realidade, é que o toque foi um dos aspectos que mais impressionou a Sra. M.B.B..

Foram através dos exercícios de expressão corporal que percebi o quanto o toque entre os corpos foi relevante para despertar reflexão sobre a relação da sexualidade com a velhice entre os idosos, e como esse processo pode influenciar direta ou indiretamente nas relações sociais e familiares.

A primeira experiência foi quando realizamos um exercício corporal com o auxílio de uma bexiga. Entreguei uma bexiga para cada idoso e, ao som de uma música, indiquei que eles iniciassem movimentos corporais utilizando os planos alto, médio e baixo, brincando com a bexiga, impedindo-a que caísse no chão, permitindo que essa pudesse tocar diferente partes do corpo. Foram um dos exercícios em que os idosos se entregaram com bastante facilidade, como se houvesse no teatro somente a relação entre eles e a bexiga. Em seguida, orientei-os a fazerem esse exercício com a bexiga

formando duplas, trios e um único grupo, o que despertou também a reflexão nos idosos sobre a sensação de sentir o corpo do outro em contato com o seu.

A Sra. M.B.B., relacionou a sensação que teve com toque da bexiga em seu corpo ao toque do marido falecido, como se estivesse recebendo um carinho naquele momento.

> "A bexiga, eu me relacionei com ela, vou passar na cadência da música, foi tão gostoso isso. A gente sentiu mais amor em ficar junto, nos sentimos num corpo só. Eu senti isso, como se fosse o carinho do meu marido. Não estou inventando nada. Estou falando isso de dentro."
>
> Sra. M.B.B.

Para a Sra. Z.D.S., a sensação de realizar o trabalho corporal estando em contato com o corpo dos colegas provocou uma sensação de pertencimento e maior integração do grupo.

> "(...) foi como se a agente se entrelaçasse, foi como se a gente estivesse se entendendo melhor e se acostumando melhor. E foi se entrelaçando sem nem imaginar, naquela hora parecia que era uma pessoa só, com várias mãos, várias pernas."
>
> Sra. Z.D.S.

Na segunda experiência com o toque, propus que um dos idosos fosse para o meio de em círculo formado pelos demais participantes. Todos os participantes de uma única vez tinham que massagear, em movimentos circulares com as mãos, o corpo do idoso que estava no centro do círculo, de modo que, ele sentisse as mãos dos colegas em todas as partes de seu corpo. Como todas as demais atividades, deixei em aberto a participação dos idosos, e como essa particularmente se tratava de uma proposta com um contato físico maior, surpreendi-me com a prontidão na aceitação de todos para a participação.

A Sra. M.B.B. compartilhou com o grupo a sua reflexão oriunda dessa atividade sobre a questão do toque na vida social e a importância desse contato físico para estabelecer os vínculos pessoais.

> “Houve mais aproximação com o ser humano, chegar sem medo, foi muito interessante isso, porque as pessoas não gostam de se tocar, e eu observei isso que, quando estamos passando na rua e alguém passa e bate na gente sem querer: ‘Desculpe, foi sem querer’ e eu respondo ‘Não, não tem problema, foi bom isso. Você bateu em mim porque você está presente aqui.’. Então, eu despacho para os outros o meu sorriso.”
>
> Sra. M.B.B.

O grupo aprofundou a reflexão sobre essa perspectiva do toque, a partir das dificuldades que encontrou nesta atividade e ponderou sobre o medo do contato físico ao tocar o corpo do colega e ao receber o toque, por se tratar de uma convenção social partindo do ponto de vista da proibição relacionada diretamente ao corpo e à sexualidade enquanto constructo social.

> “Quando você falou: ‘Toque toda a parte do corpo dela, sem exceção’, pensei: ‘Pronto! Será que vou ter que massagear a bunda das minhas amigas e mexer nos peitos delas? Qual o problema? Sem problema!’.”
>
> Sra. C.R.

A partir dessa reflexão da Sra. C.R., surgiram percepções acerca da sexualidade associando-as às gerações em que pertencem e dos padrões adotados naquele período, como por exemplo, a ideia de que tocar o joelho das mulheres era tido como uma conexão de intimidade mais profunda, na realidade desses idosos, concepções existentes desde a infância e reforçada pelos pais, que se estenderam nas relações estabelecidas com os cônjuges, mais uma vez, nos padrões estabelecidos para as mulheres e a proibição do prazer. Para as idosas do grupo, as mulheres não eram orientadas quanto à sua sexualidade e não conheciam seu corpo e muitos dos acontecimentos naturais, como a menstruação e gravidez eram assuntos velados para as mulheres solteiras no âmbito familiar.

> “(...) eu ia trocar de roupa, uma vez minha mãe pegou, eu me lembro que estava com uma combinação que usava antigamente, de tecido com franzidinho, aí ela pegou minha combinação por trás e puxou: ‘Já veio o chico esse mês?’. Nossa! Eu levei um

> susto! Aí eu ficava pensando, mas aquilo me torturava. 'Por que será que ela sempre pergunta essas coisas para mim?'."
>
> Sra. C.R.

Para as idosas, as respostas a essas dúvidas, que vinham naturalmente no desenvolvimento da mulher, eram vivenciadas na prática após o casamento ou quando ingressaram no mercado de trabalho, em contato com outras mulheres, onde podiam compartilhar suas experiências e dúvidas.

> " (...) a maioria dos tabus, eu comecei a perder quando eu casei e fui trabalhar num escritório, que as colegas do trabalho falavam comigo, e como eu era muito ingênua quando eu me casei, as colegas falavam tudo que faziam com um homem, e um dia, na cama, eu catei meu marido, fui fazer com ele. Levei uma bordoada... ele achou que eu tinha um amante na rua: 'Como? Quem te ensinou a fazer isso?'. Aí foi um curso pra depois eu explicar pra ele que eram as colegas de trabalho... e aí ele começou a falar comigo, que ele gostava, mas não me pedia para fazer porque achava que mulher de dentro de casa não era para fazer aquilo."
>
> Sra. Z.D.S.

Surgiram também ideias sobre a necessidade desta desconstrução, para que pudessem exercer livremente essa sensação que o toque provoca nas relações entre as pessoas.

> "A partir do momento que você toca na outra pessoa, tem que haver respeito. A partir do momento que eu toco nele ou nela, tem aquele respeito, eu esbarro, tem que ter respeito comigo e com a pessoa.".
>
> Sra. A.P.C.

A sensação provocada pelo ato do *tocar o corpo do outro e ser tocado* também está relacionada à sexualidade e ao amor. De acordo com SANTOS (2013), a sexualidade na velhice implica pensar o amor em suas formas libidinal, ou seja, outras formas de amor, que perpassam pela ternura, pelos contatos físicos que erogeniza e

despertam o erótico no corpo, como o olhar, o toque, a voz, redescobrindo as primeiras formas de amor do ser humano. Estes aspectos corroboram com a perspectiva do olhar dos participantes do grupo, que relacionam a sexualidade com a proibição, e desmitificam a sexualidade na velhice, em sua amplitude enquanto construção sócio cultural, que é um conceito muito mais complexo que não se resume ao ato sexual.

A relação do toque também pode ser considerada a partir da perspectiva social, que reforça a sensação de pertencimento, a demonstração do estar junto, contrito, assim como olhar que estabelece um elo na relação com o outro. O toque também está associado ao apoio moral e explicitamente é forma de demonstrar a afetuosidade com as pessoas que estão à sua volta, do cuidado, respeito e atenção.

> "(...) meu neto não entra nem sai sem me dar um beijo... me abraça, me aconchega. 'Vó, como eu te amo!'. Sempre! E quando ele chega sou a primeira pessoa a me cumprimentar, me abraçar. É um carinho que recebo dele... E as pessoas na rua? Quando batem na gente pedem desculpas. 'Desculpa, foi sem querer'. Me dá uma vontade de responder: 'Que pena que foi sem querer, porque nesse momento estava precisando de um toque, pra ressuscitar.'."
>
> Sra. M.B.B.

Para a Sra. M.B.B., o toque é uma forma de manifestação social, que contribui com a sensação de ser parte integrante da família, fazendo-a ocupar um lugar privilegiado de atenção e afeto, motivo de orgulho ao mencionar que o neto prioritariamente a abraça. Curiosamente, comentou também quando o toque vem de um estranho, na rua, mesmo em forma de esbarrão e que esse é um meio de se fazer presente na sociedade, que esse toque faz com que se sinta viva.

De acordo com os relatos dos idosos no grupo focal e nas vivências na prática artística, é relevante considerar que, para eles, a experiência ao longo da vida favoreceu o questionamento sobre algumas convenções sociais que não contemplam seus anseios, que limitaram sua atuação ao longo de sua trajetória, desfavorecendo sua autonomia. A velhice é um momento oportuno para essa ressignificação, porém isso só é possível, por terem a oportunidade de refletirem sobre esses parâmetros sociais através das próprias vivências e do incentivo da família, principalmente de seus filhos, que têm um papel muito importante nesse processo, por estarem, muitas vezes, na vida profissional ativa e mais expostos a oportunidades de conhecimento sobre projetos ou propostas que contam

com o estímulo aos novos meios de produção que se estendem além da vida profissional. Os filhos tornam-se agentes de incentivo aos idosos na possibilidade de criar estratégias que possam gerar novas oportunidades de conhecimento e ressignificação, preocupados com a convivência e participação social de seus pais e buscando para eles melhores condições de vida na velhice. Por outro lado, para o idoso, é importante que seus filhos e netos o reconheçam como protagonistas e producentes, fator motivacional para que continuem superando suas próprias expectativas na busca de novas oportunidades de aprendizado.

Dentre as perspectivas apresentadas que favoreceram a emancipação, também foram mencionados a sensação de pertencimento através do olhar e do toque, que são os aspectos que mais ressoaram no grupo, tanto no sentido do *fazer parte*, do *ser reconhecido*, assim como, o do *se fazer presente*, *ser notado*; porém, apesar de serem aspectos sociais, também podemos associá-los à sexualidade, quando mencionaram as lembranças saudosistas de suas histórias de amor, como na ressignificação dessa experiência através do *sentir-se desejado*, principalmente quando citam o estar em contato direto com o olhar e o corpo do outro, que é o *ser acolhido*. Esses aspectos podem estar correlacionados com a carência afetiva, considerando a ausência de um companheiro, como também, a solidão, por morar sozinho ou por não ter contato direto e constante com seus familiares.

Suas histórias de vida em relação à sexualidade também foram importantes para romper com os preconceitos quanto à vida sexual na velhice, tanto no âmbito da liberdade de escolha, de como exercer sua sexualidade livre da opressão familiar ou social, como na desmitificação ao estabelecer novos formas de vínculos afetivos, que não necessariamente sejam o marital.

Para esses idosos, foi importante a descoberta dos novos meios de produção após a aposentadoria e a viuvez, que gerou novos significados para esta fase da vida, uma produção que vai muito além do capital, e que parte da valorização de sua autoestima ao sentirem-se úteis e potentes ao superarem os novos desafios, sejam eles de ordem familiar, social ou cultural; também encontraram na velhice novas oportunidades de ressignificação que partem dos processos de criação em que estão envolvidos, seja na oficina de teatro como em demais outros cursos, imersos em um

processo de autoconhecimento que contribuiu com a revisão de seus valores e potencializou-os para exercerem sua autonomia na elaboração de novos projetos de vida.

É relevante enfatizar a importância do processo artístico para essa reflexão coletiva sobre a velhice, pois foi a partir da prática teatral, por meio das atividades de aquecimento, expressão corporal, jogos teatrais e improvisações que os idosos sentiram-se à vontade para compartilhar suas concepções oriundas das situações e sensações provocadas por esse processo criativo. O trabalho em grupo favoreceu a sensação de pertencimento e cumplicidade, o que contribuiu para que todos se entregassem aos exercícios e se sentissem à vontade para compartilhar suas histórias e pontos de vista. Em vários momentos houve divergências de ideias, porém respeitosamente, todos colocaram seus pontos de vista e os embasaram por meio das experiências que tiveram ao longo da vida e as oportunidades diferenciadas que vivenciaram através do misto de sensações provocadas pelo processo artístico, o que promoveu a sensibilidade e a empatia entre os idosos participantes e que contribuiu com uma melhor compreensão da diversidade presente em cada história, em cada experiência, e quais foram as superações e expectativas pessoais para esse processo de questionamento sobre o que é a emancipação.

No último dia dos encontros, a Sra. M.B.B., recitou uma poesia para o grupo, que segundo ela, reflete a sua percepção sobre a importância da sua autonomia na velhice, do quanto é importante vivenciá-la e aceitar que o outro a vivencie também plenamente em liberdade.

Você e sua vida

Viva como quiser, é sempre sua escolha
Ninguém vai obstar a sua caminhada.
Embora perseguindo ressequida folha,
Ou trilhando uma estrada que conduz ao nada...

Pense como entender,
Nada haverá que o tolha,
Mesmo que o ideal, em louca disparada seja, talvez, quem sabe?
Uma simples bolha, com a vida sutil de glória malfadada.

Faça o que quiser,
Mesmo em doida ansiedade,

Não se oculte jamais,
Deixe que o mundo o veja como parte essencial de toda humanidade

Mas, no enlevo sem fim de sua veleidade,
Recorde-se de que,
Onde quer que esteja,
Seu próximo terá a mesma liberdade!

Felipe Ferreira de Menezes Júnior
Livro: Surpresas do meu caminho

EPÍLOGO

Em minha vivência profissional, compreendo que o teatro é uma das opções de oficina que aparecem com frequência nas programações propostas pelos centros de convivência e universidades abertas à terceira idade, com o compromisso de contribuir com os aspectos relevantes para o envelhecimento ativo, entendido como um processo de estimulo à independência e autonomia do idoso. Entretanto, já na fase inicial deste estudo, tive uma experiência relevante ao me deparar com poucas publicações sobre essa prática artística em grupos de idosos, o que me levou a refletir sobre as metodologias que foram utilizadas nestes cursos e em quais objetivos eles estão atrelados.

Ao prosseguir a revisão bibliográfica que realizei para a elaboração desta pesquisa, selecionei 16 publicações, em que verifiquei que um dos principais objetivos para a realização das oficinas de teatro em grupos de idosos era o de favorecer sua participação social e política, que pode ser considerada como uma das possibilidades de contribuição para a emancipação, utilizando-se deste processo artístico para favorecer a reflexão do idoso sobre sua trajetória histórico social, valorizando suas experiências e ressignificando-as de modo a potencializá-los para mantê-los ativos. Destas publicações, escolhi 09 estudos posteriormente, por tratarem especificamente a descrição da metodologia utilizada nessas oficinas, no qual verifiquei que todo o processo artístico parte da história de vida e do repertório pessoal do idoso, valorizando assim seus conhecimentos e experiências, meios que favorecem sua emancipação ao potencializá-los através do questionamento e aprofundamento das questões que emergem por meio do processo artístico.

Quanto às metodologias utilizadas, os estudos referem-se à utilização dos jogos teatrais, de acordo com a proposta de Viola Spolin, como meio de estimular a criatividade através da resolução de problemas e no auxílio da criação de personagens. A expressão corporal, como uma das etapas metodológicas que aparecem nos estudos, utilizadas para estimular o autoconhecimento e a percepção corporal, partindo de exercícios corporais e de expressividade. De acordo com a análise das publicações, a memória é um recurso que é utilizado para a criação de improvisações, pois a partir das experiências e das vivências cotidianas dos idosos, há possibilidade de criação e recriação artística fortalecendo assim sua memória e suas experiências no âmbito histórico-cultural, que corrobora com a proposta metodológica de Augusto Boal por meio do teatro do oprimido e teatro imagem, que também foi citado nas publicações, que contribuem para esse processo de improvisações em que o idoso revive uma cena cotidiana e tem possibilidade de transformá-la. A criação de um espetáculo teatral também é um dos recursos utilizados nas oficinas de teatro apresentadas, no qual os autores consideram contribuir para esse processo de independência e autonomia do idoso a partir da criação coletiva do roteiro que parte da valorização das memórias e experiências de vida dos participantes, possibilitando a construção dos personagens, escolhas dos figurinos, objetos cênicos e criação dos cenários.

De acordo com o material que produzi nesta pesquisa e para qual tomei como referência o grupo de teatro "Art&fato da Idade", busquei produzir relações entre os discursos destes idosos com os estudos apresentados na revisão bibliográfica. Dentre eles, chamou-me atenção a relação com o "reencantamento", termo utilizado no estudo de BRANDÃO (2006), que pode ser entendido como redescobertas dos encantos da vida, perdidos em seu percurso, entre eles, a liberdade pessoal, corrobora com a menção que os idosos fazem sobre a liberdade alcançada na velhice, após a viuvez e a total independência dos filhos, onde podem exercer sua maior autonomia. Outro aspecto interessante é o de pensar a velhice como o fenômeno da vida, onde a autora de um dos estudos, MENDONÇA (2003), desconstrói a visão da velhice fenomenológica pela ciência tradicional que tem um olhar limitador, enquanto fase mais decadente da vida com a valorização das perdas e das limitações funcionais, mas para um novo paradigma que é o do *ser existindo*. Em nenhum momento dos encontros os idosos mencionaram as limitações do ponto de vista biológico, muito pelo contrário, eles apresentaram os meios

de continuarem ativos diante dessa nova perspectiva de vida, adaptando-se à essa nova realidade, exercendo mais uma vez, dessa forma, sua autonomia.

Assim como apontado nos estudos de CORDEIRO (2006) e VENÂNCIO (2009), as lembranças dos idosos contribuíram com contextualização entre suas histórias de vida e novas perspectivas que traçaram para vivenciar a velhice. A possibilidade de compartilhar essas memórias com o grupo, sejam através de cenas ou das relações estabelecidas com essas memórias por meio da vivência artística, são aspectos que os auxiliam na reflexão sobre as novas possibilidades de atuação no mundo, promovendo uma maior a sensibilidade às diferenças por meio da empatia, o que os fortalecem para exercerem sua autonomia através dos aprofundamentos reflexivos.

Como produção peculiar deste estudo, através do contato estabelecido com os idosos do grupo de teatro "Art&fato da Idade", percebi através dos encontros realizados, tanto no grupo focal como na oficina de teatro, que os três aspectos que emergiram intensamente foram: família, convenções sociais e sexualidade, e que estes relacionam-se entre si e estão diretamente associados à emancipação.

Defendo de acordo com o material produzido que para os idosos, estes foram os principais indícios que podem ter relação direta com a autonomia na velhice. Na relação familiar, que perpassa da relação estabelecida com os parentes mais distantes à relação direta com seus filhos, é onde estão presentes as principais intervenções que podem ou não favorecer a autonomia desses idosos. Os sujeitos dessa pesquisa experimentaram preconceitos diante das mudanças no decorrer de suas vidas, talvez associados em alguma medida às convenções sociais que influenciaram suas atitudes, tais como a escolha do cônjuge e constituição familiar a partir do casamento.

Por outro lado, os filhos desses sujeitos possuem uma relação de poder muito maior sobre seus pais, principalmente na velhice, quando eles passam a ser agentes de incentivo ou não para que exerçam sua autonomia. Nesta situação, a velhice é um momento oportuno para vivenciar novas oportunidades na vida, considerando a maior liberdade pela disponibilidade de tempo e pela liberdade por não ter que dar satisfação aos pais ou cônjuge, principalmente quando se é viúvo ou separado.

O incentivo dos filhos para que os idosos participassem de atividades em contextos diferenciados como centros de convivência ou em grupos de terceira idade, foram essenciais para essa conquista da emancipação, onde estabeleceram vínculos afetivos e através de novas oportunidades de conhecimento e trocas puderam traçar novos projetos de vida. É interessante ressaltar também, que percebi a importância do reconhecimento (e orgulho) dos filhos pela produção do idoso nessa fase da vida, tornando-se como um aspecto motivacional para estimulá-lo a superar os novos desafios, assim como, sentirem-se úteis ao continuarem exercendo um modelo a serem seguidos pelas gerações mais novas, deixando seu legado, o que reforça o conceito de geratividade.

Quanto às convenções sociais, acredito que estão relacionadas diretamente com a sensação de pertencimento, acolhimento e identificação em um determinado grupo social, aspectos que influenciam diretamente na autonomia por determinarem parâmetros e condutas aceitáveis, independente da vontade e desejos pessoais. Embora estejam também muito associadas às questões familiares e da sexualidade do idoso, também está relacionada ao corpo, mais precisamente ao toque e ao olhar, que são aspectos que mais ressoaram no grupo, sejam pelas carências ocasionadas pela solidão do ambiente doméstico, considerando as rotinas de longas jornadas de trabalho por parte do cônjuge, filhos e netos, ou a solidão ocasionada pela viuvez ou separação, que influenciam diretamente na ausência do sentir o contato físico com outro corpo, desfavorecendo a sensação do *se fazer presente*, do *ser reconhecido* e do *sentir-se acolhido*, sensações que, de acordo com os idosos, tem relação direta com o toque e o olhar. A sexualidade está correlacionada à essa questão, quando o toque e olhar são direcionados no contexto da redescoberta do *sentir-se desejado*, das lembranças do toque associadas ao amor do marido falecido ou dos olhares desejosos que desperta em outra pessoa quando está realizando alguma atividade, os ciúmes ou medo despertado em outras pessoas, ocasionados pela liberdade e autonomia de exercer sua própria sexualidade principalmente quando membros da família ou parentes, discriminam por ser viúvo ou separado, ou recriminam quando se escolhe não se relacionar maritalmente, mas aproveitar a liberdade dessa fase para namorar de forma descompromissada.

Considero, a partir dessa experiência, que a participação dos idosos em atividades artísticas, sabendo que o contexto desse estudo trata-se do teatro, contribui com a reflexão do idoso sobre os aspectos relevantes que podem limitar sua autonomia

na vida cotidiana. Para isso, é importante estruturar um processo artístico que priorize e potencialize suas escolhas e que favoreçam a integração dos idosos ao grupo, para que a partir do compartilhar de suas experiências, possam contextualizar as vivências com sua vida cotidiana, contribuindo com a reflexão sobre os aspectos limitadores de sua autonomia.

Através da preparação dos encontros para a realização da oficina de teatro, percebi que foram relevantes quatro aspectos a serem considerados, de modo que contribuíssem com a participação e a dedicação dos idosos do grupo: a identificação, a curiosidade, a valorização e a ressignificação.

Conhecer os idosos antes da oficina foi fundamental ao escolher as atividades para que os idosos se *identificassem* com a proposta, fator que os tornou muito mais próximos das atividades e que facilitou para que se entregassem aos desafios sugeridos nos jogos teatrais e improvisações. Considerei relevante para esse processo, as atividades que despertaram a *curiosidade* do idoso, pois foi através dela que eles se sentiram motivados a experimentar o novo, ao observar as minúcias presentes no ambiente, nas pessoas e no contexto composto pelo fazer teatral. A *valorização* do seu repertório pessoal e das atividades que desenvolveu foi muito importante no processo e bastante motivador para superar desafios, permitindo-se extrapolar suas experiências passadas e entregar-se ao novo, e a partir dessa experiência a oportunidade de *ressignificação*, permeada pela contextualização, o momento de refletir e compartilhar sobre suas percepções subjetivas e coletivas, de modo que dessa troca, surjam novas possibilidades de escolhas, aspecto fundamental para o exercício da autonomia.

Acredito que este seja um importante desafio para arte educadores, propor estratégias que estimulem a reflexão dos idosos sobre as suas percepções da velhice e permitir que estes vivenciem novas possibilidades, sentindo-se potentes para exercitarem suas escolhas. O processo artístico que é permeado por reflexões, favorece a independência e autonomia do idoso, produzindo a crítica necessária para a desmitificação da velhice. Defendo ainda, que as atividades artísticas realizadas em grupo possibilitam maiores oportunidades de trocas entre os sujeitos que envelhecem, potencializando-os por meio da valorização de suas experiências e de seus repertórios pessoais, aspectos importantes para conhecer outras realidades.

Essa crítica social, promovida através da arte e do protagonismo, aproxima-se com o campo dos Estudos Culturais, no qual a arte não é pensada em parâmetros de indústria cultural, que reduz a expressão artística a um produto para atender uma demanda do mercado, e sim, como vivência e expressão da cultura como meio de reflexão, questionamento e possibilidade de emancipação, através da compreensão das relações de poder presentes na sociedade.

Defendo que as reflexões que apresentei neste estudo não permitem extrapolações ou generalizações dos seus resultados, pois trata-se de um aprofundamento qualitativo baseado em experiências dos idosos integrantes do grupo de teatro "Arte&fato da Idade", através da realização do grupo focal e das vivências na oficina de teatro.

Finalmente, saliento que das categorias apresentadas a partir da análise de conteúdo: sexualidade, família e convenções sociais, emergiram reflexões que geraram pistas inspiradoras para futuros estudos. Aposto em um maior aprofundamento dos temas tratados, especialmente no campo dos Estudos Culturais, Educação e Gerontologia. Vale dizer, propor estudos que examinem outras experiências de atividades artísticas propostas para idosos, organizadas a partir do contexto emancipatório e, desse modo, contribuir com a ampliação de conceitos, práticas e experiências positivas de envelhecimento e velhice em nossa cultura.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Fernando. *Em 2011, esperança de vida ao nascer era de 74,08 anos*. Editorial. Disponível em: http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2271. Acessado em: 15 de maio de 2013.

BACKES, Dirce Stein, et al. *Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas.* O mundo da saúde. p. 438-442. São Paulo, SP, 2011.

BARBA, Eugênio. *A canoa de papel: tratado de antropologia teatral*. 3ª Ed. Brasília: Teatro Caleidoscópio & Editora Dulcina, 2012.

BARBA, Eugênio; SAVARESE, Nicola. *A arte secreta do ator: um dicionário de antropologia teatral*. São Paulo: Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda., 2012.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa. Edições 70, 1977.

BEAUVOIR, Simone. *A Velhice.* Trad. Maria Helena Franco Monteiro. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOAL, Augusto. *Stop: c'est magique!*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

___, Augusto. *200 exercícios para o ator e não-ator com vontade de dizer algo através do teatro*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

___, Augusto. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

BOBBIO, Noberto. *O tempo da memória: da senectude e outros escritos autobiográficos.* Tradução de Daniela Versani.

BRANDÃO, Pierre Soares. *As oficinas de jogos teatrais de Viola Spolin como reencantamento possível emergindo no imaginário de um grupo de idosos*. Brasília; 2006. [Dissertação de Mestrado Universidade Católica de Brasília].

CAMPOS, Cássia Noele Arruda, et al. *Reinventando práticas de enfermagem na educação em saúde: Teatro com idosos*. Escola Anna Nery – Revista de Enfermagem, Rio de Janeiro, v. 3, p. 588-596, 2012.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez Lições sobre Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.

CORDEIRO, Ana Paula. *Oficinas de teatro da UNATI – Unesp de Marília: o lúdico como elemento estimulador dos processos de criação teatral da pessoa idosa.* Educação em Revista, Marília, v. 7, p. 67-84, 2006.

COSTA, Gracielle Elaine Ramos. *Teatro-educação está de cortinas abertas para o espetáculo da longevidade brasileira?*. São Paulo, 2013. [Dissertação de Mestrado Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].

DEBERT, Guita Grin. *A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas.* Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs34_03. Acessado em 12/01/2014.

___, Guita Grin. *Velhice e o curso de vida pós moderno.* REVISTA USP, São Paulo, n.42, p. 70-83, junho/agosto 1999.

___, Guita Grin; SIMÕES, Júlio de Assis. *Envelhecimento e velhice na família contemporânea*. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia; et al. Tratado de Geriatria e Gerontologia. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2013.

DIAS, Ricardo Aparecido. *A velhice e o envelhecimento do ator: entre o palco e os bastidores*. São Paulo; 2007. [Dissertação de Mestrado Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].

DURKHEIM, Émile. *O que é fato social?*. In: *As Regras do Método Sociológico*. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. 6ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

EISNER, Elliot. *Educating Artistic Vision*. New York, Macmillan, 1972.

FERRIGNO, José Carlos. *Educação para os velhos, educação pelos velhos e a coeducação entre gerações: processos de educação não formal e informal*. In: PARK, Margareth Brandini; GROPPO, Luís Antonio. Educação e Velhice. 1ª Ed. São Paulo: Setembro, 2009.

___. *Programas intergeracionais no Brasil*. In: A Terceira Idade Estudos sobre Envelhecimento. Revista. Vol. 22, n. 50. SESC. Março, 2011.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas.* São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 422

FRANCO, Cecília Mogadouro. *Práticas educomunicativas em um teatro intergeracional: experiências do SESC São Paulo. São Paulo, 2013.* [Monografia de Especialização Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes].

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Editora Paz e Terra, 2010.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS; Help Age International. *Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio, resumo executivo.* New York: UNFPA, 2012.

GHIRALDELLI JR., Paulo. *Filosofia política para educadores: democracia e direitos de minorias.* Barueri, SP: Manole, 2013.

GIDDENS, A. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar Editor, 2002.

GREINER, Christine. *O corpo: pistas para estudos indisciplinares*. 2ª Ed. São Paulo: Annablume, 2006.

GROTOWSKI, Jerzy. *Em busca de um teatro pobre*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

KOUDELA, Ingrid Dormien. *A encenação contemporânea como prática pedagógica.* Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas. Universidade do Estado de Santa Catarina. v. 1, p. 49-59, 2008.

LOPES, Ewelynne Suely de Lima. *Relações intergeracionais*. In: NERI, Anita Liberalesso(org). Palavras Chaves em Gerontologia. 3ª Ed. São Paulo: Alínea, 2008.

MACIEL, Dila Maria Bahiense. *Educação não formal e terceira idade: em defesa de uma sociedade democraticamente sustentável*. In: PARK, Margareth Brandini; GROPPO, Luís Antonio. Educação e Velhice. 1ª Ed. São Paulo: Setembro, 2009.

MANNHEIM, Karl. *O problema das gerações*. Trad. Maria das Graças Barbedo, in idem, *Sociologia do Conhecimento*, v. II, Porto, RES-Editora. 1928.

MATULLE, Rafaeli de Clara; STORERR, Danielli; KRONBAUER, Glaucia Andreza. *Não há limites para a prática circense: oficinas de circo na UNATI*. Revista Científica JOPEF, Curitiba, v.11, nº 1, p. 71-79, 2011.

MENDONÇA, Marcia Pontes. *O sentido da vida no envelhecer: o teatro espontâneo do cotidiano como um recurso em terapia ocupacional*. SP; 2003. [Tese de Doutorado Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública].

___, Marcia Pontes. *Teatro espontâneo do cotidiano: a teatroterapia enquanto recurso terapêutico na resolução de conflitos junto a pessoas em processo de envelhecimento.* TO Coletiva, 2011. Disponível em: http://tocoletiva.com.br/wp-content/uploads/2012/03/TEATRO-ESPONTANEO-DO-COTIDIANO-texto-didatico.pdf. Acesso em: 10 mar. 2014.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. *Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?* Caderno Saúde Pública. p. 239-262, jul/set. Rio de Janeiro, RJ, 1993.

MONTEIRO, Pedro Paulo. *Envelhecer: Histórias, Encontros e Transformações*. BH, Autentica, 2003.

MORAES, Raphaela Novaes de. *Manifestações artístico-culturais, o teatro como forma de letramento na terceira idade.* In: I SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2010.

NASCIMENTO, Adenilson Matos do. *Estudo da influência da prática com artes cênicas e atividades autobiográfica e literária no comportamento de uma população com idade acima de 60 anos.* São Paulo, 2013. [Dissertação de Mestrado Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia].

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. *Linguagem e Cultura: subsídios para uma reflexão sobre educação do corpo*. Caligrama. Revista de estudos e pesquisa em linguagens e mídia. Vol.3, p. 01-16, 2007.

NERI, Anita Liberalesso (Org). *Palavras Chaves em Gerontologia.* 3ª Ed. São Paulo: Alínea, 2008.

NETO, Otávio Cruz. *O trabalho de campo como descoberta e criação.* In: MYNAIO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

NEWMAN, Sally. *Histórico, modelos, resultados e melhores práticas dos programas intergeracionais,* in *A Terceira Idade estudos sobre envelhecimento*. SESC-GETI: São Paulo, SP. 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Envelhecimento Ativo: uma política de saúde.* Trad. Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde, 2005.

PACHECO, Jaime Lisandro; CARLOS, Sergio Antônio. *Educação, Trabalho e Aposentadoria*. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia; et al. Tratado de Geriatria e Gerontologia. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2013.

RESENDE, Marineia Crosara de, et al. *Envelhecer atuando: bem estar subjetivo, apoio social e resiliência em participantes de grupo de teatro.* Fractal: Revista de Psicologia, v. 22, p. 591-608, 2010.

SANTO, Antônio Carlos Gomes do Espírito, et al. *Problematização de temáticas de promoção da saúde do idoso a partir de uma vivência dramatúrgica*. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 17, p. 165-175, 2008.

SANTOS, Sueli Souza dos. *Sexualidade e Velhice*. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia; et al. Tratado de Geriatria e Gerontologia. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2013.

SOUSA, Antônio Rodrigues de. *Passos e compassos no palco da maior idade: inserções sobre a arte como agente instituinte na maturidade.* Revista do Departamento de Psicologia, v. 13, p. 92-122, 2001.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1963.

SPOSATI, Aldaíza. *Modelo brasileiro de proteção social não contributiva: concepções fundantes*. In: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. Concepção e gestão da proteção social não contributiva no Brasil. Brasília, 2009.

STANISLAVSKI, Constantin. *A construção da personagem*. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

VENANCIO, Beatriz Pinto. *Histórias de vida, teatro e velhice.* In: XIX SEMINARIO LATINOAMERICANO DE ESCUELAS DE TRABAJO, Ecuador, 2009.

___, Beatriz Pinto. *Teatro de lembranças.* Revista Gênero, Rio de Janeiro, v. 2, p. 49-58, 2001.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo.* Trad. André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ANEXO I

ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES - EACH/USP

Plataforma Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Processo artístico e terceira idade: oficinas de teatro como estratégia de emancipação da velhice

Pesquisador: Diego Félix Miguel

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 41489215.5.0000.5390

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 990.729

Data da Relatoria: 12/03/2015

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual o pesquisador irá investigar a contribuição que as oficinas de teatro para idosos tem para a velhice enquanto construção sociocultural, promovendo a reflexão à respeito de como as práticas teatrais promovida em oficinas e cursos podem favorecer a articulação do idoso na vida social, assim como sua relação com diferentes faixas etárias, na desmitificação e na emancipação dos conceitos culturais da velhice. A pesquisa será realizada em um grupo de teatro da Terceira idade, onde ocorrerá uma oficina experimental de teatro com esses idosos e, ao término, a realização de entrevistas individuais, a fim de analisar os depoimentos dos integrantes desse grupo de teatro tanto no âmbito coletivo como no individual. Utilizará como método o Grupo Focal e a Análise de Bardin.

Endereço: Av. Arlindo Béttio, nº 1000
Bairro: Ermelino Matarazzo **CEP:** 03.828-000
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3091-1046 **E-mail:** cep-each@usp.br

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Refletir a respeito da prática teatral (oficina de teatro) como atividade que pode favorecer a emancipação de idosos entendida como autonomia e independência na velhice, e desse modo, contribuir com o envelhecimento ativo e a inclusão dos idosos na vida social.

Objetivo Secundário:

1. Revisar a bibliografia disponível sobre "oficinas de teatro para idosos"; 2. Examinar a contribuição (efetiva ou potencial) dessas atividades para que a velhice seja reconhecida; 3. Analisar em que medida essas atividades favorecerem atitudes de emancipação entendida como autonomia e independência na velhice.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador não submeterá os sujeitos à procedimentos invasivos, por tratar-se de um estudo de cunho qualitativo a partir da análise de discursos oriundo de grupo focal e entrevistas individuais. Considera que há possíveis riscos dos idosos envolvidos ao aprofundar sobre algum tema discutido nos encontros ou uma possível demanda para encaminhamento para a rede de saúde ou de acessibilidade às políticas públicas. Relata que nesses casos, todos serão orientados pelo responsável pela pesquisa.

Benefícios:

Os encontros poderão favorecer a possibilidade de gerar conhecimento para entender a velhice enquanto construção sociocultural contribuindo assim com novas possibilidades de estímulo á sua independência e autonomia.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para a gerontologia ao investigar os efeitos que uma atividade como o teatro pode contribuir para uma velhice com qualidade.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos obrigatórios foram apresentados, inclusive uma justificativa sobre a ausência da

ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES - EACH/USP

Continuação do Parecer: 990.729

autorização da coleta de dados. O TCLE foi adequado conforme recomendações. está explicito que haverá duas vias do TCLE, um do participante e outro do pesquisador. O risco mínimo foi citado.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante das recomendações atendidas consideramos o parecer favorável sob o ponto de vista ético.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

SAO PAULO, 18 de Março de 2015

Assinado por:
Rosa Yuka Sato Chubaci
(Coordenador)

Endereço: Av. Arlindo Béttio, nº 1000
Bairro: Ermelino Matarazzo **CEP:** 03.828-000
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3091-1046 **E-mail:** cep-each@usp.br

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA
1. **Nome do participante:** _____ Sexo: ☐M ☐F Idade: _____ Nacionalidade:_____Naturalidade:_____ Escolaridade:_____Ocupação:
Renda: ☐ 1 salário ☐ 2 salários ☐ 3 ou +salários Estado civil: ☐ solteiro(a) ☐ casado(a) ☐ viúvo(a) ☐ divorciado(a) ☐ amasiado(a) ☐ união civil Mora: ☐ sozinho ☐ + pessoas Quantidade: _____ Parentescos:
Telefone: (_____) _____ Celular: (_____) _____

As informações aqui descritas estão sendo fornecidas para sua participação voluntária no estudo "Processo artístico e terceira idade: oficinas de teatro para idosos como estratégia de emancipação da velhice" que está inscrito no Programa de Mestrado em Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Este estudo propõe em uma de suas etapas a realização de um grupo focal, entrevistas individuais e uma vivência teatral que tem como objetivo principal em analisar o discurso dos participantes do grupo Art&fato da Idade e refletir sobre a relação entre terceira idade, emancipação e protagonismo acerca de idosos que participam de oficina de teatro.

Este estudo não realizará nenhum procedimento invasivo, por tratar-se de uma pesquisa qualitativa com a realização de um grupo focal e entrevistas individuais no

qual os riscos são reduzidos, podendo ser de ordem psicológica ou social, em se emocionar durante a entrevista, na necessidade dos sujeitos envolvidos em aprofundar sobre algum tema discutido nos encontros ou uma possível demanda para encaminhamento para a rede assistencial ou de acessibilidade às políticas públicas. Nesses casos, os sujeitos serão orientados pelo responsável da pesquisa.

Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso ao responsável pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. O principal investigador é Diego Félix Miguel, matriculado na USP sob o nº 6978162, e que pode ser contatado no endereço Av. Arlindo Béttio, 1000 – Ermelino Matarazzo, por e-mail: diego.miguel@usp.br ou telefone: 11.99231-0273.

Você poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos responsável pela aprovação desta pesquisa na Av. Arlindo Béttio, 1000 – Ermelino Matarazzo, por e-mail: cep-each@usp.br ou telefone: 3091-1046.

Os dados coletados serão mantidos em sigilo e não serão publicados em jornais, revistas, eventos ou periódicos científicos; o participante poderá parar a qualquer momento sua participação, sem qualquer ônus; a participação não gerará qualquer tipo de remuneração e ao final da atividade poderá ter acesso aos resultados gerais do estudo, a ser disponibilizado por Diego Félix Miguel, responsável pelo estudo.

São Paulo, ___ de _____ de 2015.

_____

Assinatura do participante

_____

Assinatura da testemunha

ANEXO III

QUESTIONÁRIO GRUPO FOCAL

1. Por que fazer teatro?
2. Por que escolheu participar de um grupo de terceira idade, no caso um grupo de teatro?
3. Existem outros grupos de teatro para idosos?
4. Você se vê na terceira idade? Desde quando?
5. O que mudou?
6. O que o trabalho realizado no grupo de teatro te proporciona?

ANEXO IV

QUESTIONÁRIO ENTREVISTA INDIVIDUAL

1. O que a velhice representa para você?
2. O que mudou em você com o passar dos anos?
3. Como você chegou ao grupo Art&fato da Idade?
4. Quais aspectos você se identificou com esse grupo?
5. Você faz outras atividades? Quais?
6. Por que você faz teatro?